



TRADUÇÃO

Richard Topcliffe e a Cultura
Livreira Clandestina do Catolicismo
Elisabetano

Mark Rankin

James Madison University

Tradução

Rebeca Mylena Gouveia de Lima Borges

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade de Brasília (UnB)

Richard Topcliffe e a Cultura Livreira Clandestina do Catolicismo Elisabetano

Richard Topcliffe and the Book Culture of the Elizabethan Catholic Underground

<https://doi.org/10.26512/rhh.v10i19.47054>

Mark Rankin

James Madison University

<https://orcid.org/0009-0002-6374-0113>
rankinmc@jmu.edu

Tradução

Rebeca Mylena Gouveia de Lima Borges

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade de Brasília (UnB)

<https://orcid.org/0000-0001-5647-6639>
rebeca.mylena@gmail.com

Como citar:

RANKIN, Mark.; BORGES, Rebeca Mylena Gouveia de Lima. Richard Topcliffe e a Cultura Livreira Clandestina do Catolicismo Elisabetano. *História, Histórias*, Brasília, v. 10, n. 19, jan./jun. 2022.

Resumo

Richard Topcliffe (1531-1604), foi o mais infame torturador da Inglaterra elisabetana, e era também um leitor profissional. Historiadores do livro se interessam sobre a maneira como os regimes repressivos leram os livros de seus inimigos. Este ensaio identifica um conjunto de livros que contém anotações marginais feitas por Topcliffe, e que ainda não foram estudados previamente. Aqui, argumento que a leitura de Topcliffe era de natureza forense, e foi diretamente utilizada pelo regime elisabetano em sua campanha contra o catolicismo. Esta investigação revela a conexão entre ler e torturar, e demonstra os modos pelos quais a leitura que Topcliffe fazia dos livros que recebia legitimava formas de violência autorizadas pelo Estado.

Palavras-chave

Richard Topcliffe; Leitura; Marginalia.

Abstract

Richard Topcliffe (1531–1604) was the most infamous torturer of Elizabethan England. He was also a professional reader. Historians of the book are interested in how repressive regimes read the books of their enemies. This essay identifies a number of books that contain Topcliffe's marginalia and have not previously been studied by scholars. It argues that Topcliffe's reading was forensic in nature, and was utilized directly by the Elizabethan regime in its campaign against Catholicism. This investigation reveals the connection between racking and reading, and demonstrates the ways in which Topcliffe's reading legitimated state-authorized violence.

Keywords

Elizabethan England; Richard Topcliffe; Marginalia.

Introdução

Richard Topcliffe (1531-1604), foi o mais infame torturador da Inglaterra elisabetana.¹ Filho de Robert Topcliffe de Somersby, Lincolnshire, e Margaret, filha de Thomas, Terceiro Barão Burgh, Richard descendia de uma família aristocrática e portava um brasão de armas.² Topcliffe dedicou sua carreira à perseguição de padres católicos e das evidências que poderiam ser usadas contra eles nos tribunais. Sua reputação de malevolência é perceptível mesmo a partir da mais casual leitura das fontes. Ele foi acusado de ser um esturpador e teria até mesmo apalpado a própria Rainha Elizabeth (1.1558-1603).³ Suas vítimas o odiavam. O informante Richard Verstegan (c. 1550-1640), relatou que Topcliffe foi autorizado a estabelecer uma câmara de tortura em sua própria casa.⁴ O jesuíta John Gerard (1564-1637), disse que “ele era velho e grisalho e um veterano na crueldade.”⁵ Um conjunto de injúrias de sucessivas gerações de historiadores revela o teor consistentemente negativo de quase todas as produções sobre esse tema. John Hungerford Pollen o considerou “notório como um falador grosseiro, tão lascivo quanto falso.”⁶ Augustus Jessopp, o denominou como “o mais incontestável patife com o qual já me deparei em tempos antigos ou modernos” e prometeu “um artigo sobre ele e seus crimes quando um sábio Doutor de Filosofia aceitar editar um Dicionário Bibliográfico de Vigaristas e Assassinos.”⁷ Para J. Charles Cox,

1 Forneço as datas em New Style, desenvolvo abreviaturas e confiro correções conjecturais usando colchetes, e omito a abreviatura “sig.” em número de catalogação e assinaturas.. Salvo quando indicado o contrário, todas as traduções são de minha autoria. [N.d.A.] 1) Por New Style, entende-se um tipo de datação temporal que corresponde ao calendário gregoriano, em contraposição ao calendário juliano. 2) Os trechos extraídos de documentos de época encontram-se traduzidos para a língua portuguesa, exceto quando seu uso na língua original se fez necessário à argumentação do autor. [N.d.T.]

2 MORRIS, J.A. (1964), p 2.

3 A alegação data de 1592 e se encontra dentro de “A copy of certain notes written by Mr. Pormort Priest and Martir, of certaine speeches used by Top[clif] unto him”, reimpressa em POLLEN, (1908), pp. 209-11. Os colchetes constam no original.

4 “Porque era tão odioso o constante exercício das torturas na Torre, e tanto se falava das pessoas, Topcliff tinha autoridade para atormentar padres em sua própria casa, da maneira como ele julgasse conveniente”/ “Because the often exercise of the rack in the Tower was so odious, and so much spoken of of the people, Topclif hath authority to torment priests in his own house, in such sort as he shall think good.” POLLEN (1908), p., 212. Sobre Verstegan, ver ARBLASTER (2004).

5 “He was old and hoary and a veteran in evil.” CARAMAN (1951), p 68.

6 “Notorious as a coarse braggart, lewd as well as mendacious.” POLLEN (1908), p. 209.

7 “The most unmitigated scoundrel I have ever had to do with in ancient or modern times” [...] “an article upon him and his misdeeds when some learned Doctor of Philosophy shall undertake to edit a Biographical Dictionary of Rogues and Murderers.” JESSOPP (1877).

Topcliffe possuía “uma disposição tão má e a sede de sangue mais vingativa que os caminhos da história já trouxeram à luz.”⁸ Tais considerações revelam a inclinação que tipicamente caracteriza o estudo do catolicismo moderno até meados do século XX. A secularização do estudo acadêmico desse campo produziu apenas uma modesta safra de novos trabalhos sobre esse tema.⁹

Os registros sobreviventes da marginalia de Topcliffe, e sua discussão sobre sua própria leitura em meio a sua volumosa correspondência, no entanto, oferecem um dos mais ricos acervos da violência e agressão anticatólica no século XVI.¹⁰ Richard Topcliffe, era de fato um leitor profissional do tipo mais sério possível, e é sob essa categoria que todo o seu trabalho, incluindo suas atividades como torturador, deve ser compreendido.¹¹ William H. Sherman usou as notas de Topcliffe para estruturar sua importante monografia *Used Books: Marking Readers in Renaissance England*.¹² Sherman, descreve a cópia da Huntington Library de *True, sincere, and modest defense of English Catholics* (1584), de William Allen, em que Topcliffe fez anotações, como “um emblema para os sinais da vida (e da morte) nas margens.”¹³ Baseando-se no trabalho de Sherman, este ensaio apresenta novas evidências das leituras de Topcliffe, retiradas de livros e manuscritos católicos que preservam sua marginalia. A investigação subsequente descreve o papel desempenhado pela leitura forense e acusatória na máquina burocrática e persecutória do regime elisabetano. O argumento se fundamenta na recente produção bibliográfica acerca de publicações católicas clandestinas por Nancy Pollard Brown, Earle Havens, e Elizabeth Patton, entre outros,¹⁴ porém avança em uma nova direção ao examinar o destino de livros clandestinos católicos após serem confiscados por Topcliffe e seus aliados.

Os hábitos de leitura de Topcliffe são comparáveis aos do acadêmico de Cambridge, Gabriel Harvey (1553-1631), e de outros leitores elisabetanos pro-

8 COX, (1877), p. 332.

9 Os melhores trabalhos são MORRIS, J.A. (1964); BROWNLOW (2003). Topcliffe é um interesse secundário em TERAMURA (2017); YATES (1999). Sobre a secularização do estudo do catolicismo, ver SHAGAN (2005).

10 Estudos anteriores sobre a marginalia de Topcliffe são ROWSE (1987); SHERMAN (2008).

11 MORRIS, J.A. (1964), pp. 4, 12, descreve Topcliffe como “uma figura renascentista” que “tomava todo e qualquer pedaço de notícia, pesava e organizava cuidadosamente, para depois proceder a seu uso.”

12 SHERMAN (2008), pp. xvii-xx.

13 “An emblem for the signs of life (and death) in the margins.” SHERMAN (2008), pp. xvii.

14 Ver, e.g., BROWN (1989); HAVENS e PATTON (2017); BELA, CALMA e RZEGOCKA (2016).

fissionais.¹⁵ Nas palavras de Lisa Jardine e Anthony Grafton, a abordagem do leitor profissional em relação ao livro “intentava *dar lugar a outra coisa*.”¹⁶ Tal leitura “era sempre orientada a um objetivo,” eles afirmam, “uma busca ativa, e não passiva. Era conduzida sob condições de extrema atenção empregava equipamentos de trabalho (tanto maquinário quanto técnicas), e se tratava de uma performance pública, e não de uma meditação privada em seus objetivos e em seu caráter.”¹⁷ A análise de Jardine e Grafton do perfil do leitor profissional na Inglaterra elisabetana, ajuda a explicar a extraordinária marginália de Topcliffe. Sendo um perseguidor e torturador, Topcliffe invadia os alojamentos de suas vítimas, confiscava os livros encontrados, tomava notas de passagens selecionadas em sua escrita e assinatura características, e as encaminhavam aos membros do regime em posição de dispor do poder coercitivo do Estado contra suas vítimas.¹⁸ A participação de Topcliffe nos esforços de cercear os católicos se deu em várias localidades, das invasões e confiscos aos locais de execução, e ele leu e escreveu em cada etapa desse circuito. Dado seu interesse em suprimir traições, seus confiscos tendiam a tornar-se, em vez de obras devocionais, impressos polêmicos e manuscritos incriminatórios de diversos tipos. A marginália de Topcliffe era usada para gerar indiciamentos formais, que eram elaborados por agentes do governo a fim de acusar católicos de deslealdade. Tais indiciamentos revelam a utilidade das leituras de Topcliffe, e o uso direto ao qual elas eram destinadas pelo regime.

Historiadores do livro e da leitura durante o Renascimento estudam o modo como os regimes autoritários liam livros que eram vistos como perigosos. Nesse influente modelo de “circuito de comunicação” da história do livro, Robert Darnton descreve “sanções legais e políticas” como fatores na recepção de um livro.¹⁹ Em sua resposta a Darnton, Thomas R. Adams e Nicolas Barker, afirmam que “governantes absolutistas visavam ao controle absoluto das publicações,” e “o caráter e efetividade de uma publicação devem ser em qualquer tempo ou lugar, julgados em relação à natureza e à efetividade do

15 Sobre a leitura de Harvey, ver www.archaeologyofreading.org/

16 “Intended to give rise to something else.” JARDINE e GRAFTON (1990), pp.30 (itálico no original). Ver também JARDINE e SHERMAN (1994).

17 “An active, rather than a passive pursuit. It was conducted under conditions of strenuous attentiveness; it employed job-related equipment (both machinery and techniques) . . . [and it] was a public performance, rather than a private meditation, in its aims and character.” JARDINE e GRAFTON (1990), pp. 30-31.

18 Sobre o confisco de livros católicos por parte do governo, ver WALSHAM (2000), pp. 84-88. Incursões governamentais de instalações católicas e apreensão de livros católicos não eram incomuns: ver HAVENS e PATTON (2017), pp. 184; HAVENS (2016), pp. 225, 231-33, 237-43, 248-51, 255-56.

19 DARNTON (1982), pp. 67-69.

controle oficial.”²⁰ Eles também reconhecem que “o problema de penetrar a mente do leitor - sem mencionar grupos de leitores - a torna [a recepção] um dos aspectos mais difíceis da história do livro,” enquanto ressaltam que “compreender a recepção é mais importante caso estejamos avaliando qual impacto o livro teve.”²¹ As leituras de Topcliffe documentam um importante e não tão bem compreendida fase na recepção da propaganda católica contemporânea. A circulação clandestina de livros católicos no reinado elisabetano pode, na verdade, ser reconstruída do ponto de vista do regime ao tomar-se como ponto de partida as leituras de Topcliffe.

Richard Topcliffe, era um homem de livros vinculado aos principais centros dos poderes estatal elisabetano - seus advogados e promotores, e membros do Conselho Privado. Os estudiosos estão começando a entender as redes relacionais e materiais que uniam a aristocracia católica e outros recusantes leigos aos fornecedores e contrabandistas de livros proibidos.²² Estes eram distribuídos inclusive de prisões, à medida que católicos reuniam bibliotecas de obras produzidas por padres missionários elisabetanos e autores continentais pós-tridentinos.²³ O uso de livros por parte de Topcliffe e seus correspondentes diferia das redes de distribuição católicas em propósito, mas não na forma; por meio de Topcliffe, livros católicos continuaram a circular, porém agora sendo transmitidos a novas audiências dentro do governo.²⁴ Evidências das leituras de Topcliffe foram por muito tempo escondidas à vista de todos, dentro de páginas de livros que passaram por suas mãos. Tais descobertas tardaram em se realizar porque, (1) formas enviesadas de historiografia turvaram o conhecimento acadêmico anterior acerca das evidências das leituras de Topcliffe, e (2) ele mesmo não costumava manter os livros que lia e anotava, passando-os, na verdade, a uma variedade de indivíduos, e disso resultou a dispersão de evidências disponíveis em coleções e acervos separados.

20 “Absolute rulers aimed at absolute control of publications,” [...] “the character and effectiveness of a publication must, at any particular time or place, be judged in relation to the nature and effectiveness of official control.” ADAMS e BARKER (1993), p. 24.

21 “The problem of penetrating a reader’s mind—to say nothing of groups of readers—makes [reception] one of the most difficult aspects of the history of the book,” [...] “understanding reception is most important if we are to evaluate what impact the book has had.” ADAMS e BARKER (1993), p. 27.

22 HAVENS e PATTON (2017): HAVENS (2016).

23 Listas negras de bibliotecas 212-28, que documentam livros inventariados de bibliotecas de prisões católicas durante os anos 1580, e biblioteca nos.242-52, que contém documentação de livros confiscados em saques de casas católicas em 1584-86.

24 ADAMS e BARKER (1993) p. 25. Sobre a similaridade das redes de vigilância recusante e governamental na Inglaterra elisabetana, ver YATES (1999), pp. 64, 71.

Richard Topcliffe era igualmente adepto tanto do uso do cadafalso quanto da pena, e ele performava suas leituras não apenas no estúdio, mas também na câmara de tortura, no tribunal, e no patíbulo. Suas leituras literalmente legitimavam a violência autorizada pelo Estado. Considerar as atividades de Topcliffe como um homem de livros expande a compreensão do mundo livreiro católico elisabetano e a perturbadora conexão entre tortura e leitura, entre a absorção de ideias e seu uso por um regime opressor determinado a eliminar seus inimigos.

“Um falso sedicioso e ofensa imodesta”

Após a ascensão de Elizabeth ao trono, em 1558, a rainha se afastou de sua meia-irmã, Maria Tudor (1516-58), fazendo a Inglaterra retornar à fé protestante. Intelectuais católicos estabeleceram comunidades exílicas na França e nos Países Baixos, e um fluxo de literatura controversa não tardou em se espalhar pelo país.²⁵ William Allen (1532-94) instituiu um seminário em Douai em 1568, a fim de treinar padres para missões na Inglaterra. Em 1569, irrompeu a Rebelião do Norte contra o governo de Elizabeth, e, em 1570, o Papa Pio V (r. 1566-72) excomungou a rainha e absolveu seus súditos da lealdade a ela. Uma proclamação real de 28 de setembro de 1573, proibiu a posse de livros católicos.²⁶ O problema de livros e padres indesejados, porém, permaneceu agudo: o estatuto de 1581 “*Against seditious words and rumors*” coincidiu com a proclamação da rainha, em 10 de janeiro daquele ano, requerendo a prisão dos jesuítas.²⁷

Durante o final da década de 1570, e a missão jesuítica (1580-81) livros católicos foram impressos secretamente na Inglaterra.²⁸ Após a execução do jesuíta Edmund Campion (1540-81), em 1º de dezembro de 1581, seu sócio Robert Persons (1546-1610) retornou ao Continente e montou uma casa de impressão em Rouen, que publicou livros de devoção católica, além de algumas obras polêmicas destinadas ao mercado inglês.²⁹ Enquanto isso, em uma proclamação datada de 1º de abril de 1582, a rainha rotulou os padres como traidores, e o estatuto de 1585 “*Against Jesuits, seminary priests and such other like disobedient persons*” determinava pena de morte a àqueles que abrigassem

25 VEECH, (1935), pp. 50 - 112; GIBBONS (2011); MILWARD (1977), pp. 1-25; 39-77.

26 HUGHES e LARKIN (1964-69), 2: 376-79.

27 HUGHES e LARKIN (1964-69), 2: 481-84; Statutes of the Realm, 4:1.659-61 (23 Eliz. I, c. 2).

28 SOUTHERN (1980), pp.349-59.

29 HAVENS e PATTON (2017) pp. 172-74; HAVENS, pp. 221-22.

clérigos católicos.³⁰ Em seguida ao Babington Plot contra a vida de Elizabeth, em 1586, o regime executou a suposta herdeira da rainha, Maria, a Rainha Católica dos Escoceses (1542-87), e em 1588, a Coroa declarou lei marcial contra qualquer um flagrado em posse de livros católicos.³¹ Quando da morte de Elizabeth, em 1603, o regime já havia aprisionado pelo menos 285 católicos, e executado quase 116 deles.³²

A figura de Topcliffe, um homem de livros que presidia cenas de tortura, revela a íntima conexão entre escrita e violência judicial aos olhos do regime elisabetano. O livro *Ecclesiae Anglicanae Trophaea* (As vitórias da Igreja da Inglaterra, 1584), de Giovanni Battista Cavalieri, contém uma gravura das torturas cometidas contra os mártires católicos Campion, Ralph Sherwin (1550-81), e Alexander Briant (1556-81) (fig. 1).³³ Ao lado das vítimas que são “torturadas pelo método aqui retratado até sofrerem completa dormência de seus membros,”³⁴ um leitor se senta a uma mesa rodeado por outros oficiais, mas também por penas e livros, evidências materiais de atividades criminosas. Topcliffe era justamente esse homem. É importante lembrar que, embora livros católicos pudessem despertar controvérsia, possuí-los por si só não constituía traição. Topcliffe idealizava sua marginália como forma de demonstrar como os livros que apreendia de fato provavam traição ou atestavam comportamentos criminosos nos termos da lei estatutária elisabetana. O ato “*whereby certain offences be made treason*” (1571), proibia que qualquer uma “maliciosa, deliberada e expressamente proferisse e declarasse por quaisquer discursos, palavras ou dizeres impressos, escritos, ou cifrados” que Elizabeth deveria ser atacada, que qualquer pessoa deveria sucedê-la, ou que um poder estrangeiro devesse invadir a Inglaterra. Tais dizeres “devem ser considerados e declarados... como alta traição.”³⁵ O estatuto “*Against seditious words and rumors*” (1521), declarava como criminoso qualquer um que, “com intento malicioso” contra a rainha, optasse por “elaborar, imprimir ou distribuir, qualquer tipo de livro, rima, balada, carta ou escrito, que contenha qualquer matéria falsa, sediciosa e difamatória,” ou qualquer um que pudesse “procurar ou produzir qualquer” documento

30 HUGHES e LARKIN (1964-69) 2: 488-91; Statutes of the Realm, 4: 1.706-08 (27 Eliz. I, c. 2).

31 HUGHES e LARKIN (1964-69) 3: 13-17.

32 WALSHAM e HAVENS (2014), pp. 136.

33 MILWARD (1977), 73 (no. 265). Sobre a obra de Cavalieri, ver DILLON (2002), pp. 175-231.

34 “Tortured by the method depicted here until they suffer complete numbness of their limbs”. A tradução da inscrição latina se encontra em DILLON (2002), p. 227.

35 “Shalbe taken deemed & declared . . . to be High Treason.” Statutes of the Realm, 4: 1.526 (13 Eliz. I, c. 1).

“a ser impresso, publicado ou distribuído.”³⁶ Determinava a penalidade de “morte e confisco como ocorre em caso de delito.”³⁷

De acordo com essa linguagem, Topcliffe esperava que sua marginália demonstrasse que um dado livro ou documento pretendia a derrubada do regime, ou que o teria feito tão “maliciosamente” ou “deliberadamente”, ou “com intento malicioso”, ou, em especial, que o livro ou manuscrito em questão continha “matéria falsa, sediciosa e difamatória.” O uso de termos como “sediciosa”, “difamatória”, e “maliciosa” é formulado na literatura polêmica elisabetana, porém, nesses casos, eventos favoreciam a glosa de Topcliffe. Esses estatutos não eram anticatólicos em si, mas a bula papal de excomunhão de Elizabeth deu ocasião ao ato de 1571, mencionado acima, bem como a um segundo estatuto que criminalizava a dist³⁸. Da mesma maneira, o estatuto contra palavras sediciosas (1581) foi aprovado logo após a chegada de Persons e Campion e o início da missão jesuítica. Em ambos os casos, o que estava em questão era o status do papa, enquanto o príncipe estrangeiro, e seu suposto poder de depor a rainha. E foi justamente sobre esse ponto que William Cecil, Lord Burghley (1521-98), compôs sua *Execution of justice in England* (1583), a fim de justificar o tratamento conferido pelo regime a padres como traidores. Essa obra foi traduzida e impressa para um público internacional simultaneamente em edições latinas, italianas, holandesas e francesas³⁹. A marginália de Topcliffe segue de modo bastante fiel a redação de tais estatutos. É improvável que ele tenha tido alguma familiaridade com os meandros da linguagem estatutária, mas

Figura 1: A tortura de Campion, Sherwin, e Briant, por Giovanni Battista Cavaliere, *Ecclesiae Anglicanae Trophea* (Roma, 1584), fol. 31r. Folger Shakespeare Library, BR 1607 C7 1584 Cage. Usada com permissão da Folger Shakespeare Library sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0.

36 “With a maliciouse intente” [...] “devyse and wrighte printe or setforthe, any manner of Booke Ryme Ballade Letter or Writing, conteyning any false sedicious and slanderous Matter,” [...] “procure or cause any suche” [...] “to be written printed published or set forth.” Statutes of the Realm, 4: 1.659 (23 Eliz. I, c. 2).

37 “Paynes of Deathe and Forfeyture as in case of Felonye ys used.” Statutes of the Realm, 4: 1.659 (23 Eliz. I, c. 2).

38 Statutes of the Realm, 4: 1.528-31 (13 Eliz. I, c. 2).

39 Statutes of the Realm, 4: 1.528-31 (13 Eliz. I, c. 2).



sabe-se que ele visitou brevemente Gray's⁴⁰ e ele pode ter compartilhado, com os seus correspondentes, informações sobre como funcionavam as evidências em uma acusação legal.

Topcliffe adquiria livros católicos e os marcava de modo que eles pudessem ser redirecionados para legitimar ações violentas perpetradas pelo regime. As próprias inscrições marginais revelam a existência de tais objetivos, bem como a natureza da rede pela qual passavam essas obras anotadas. A cópia de *True defense* (fig.2), de William Allen, pertencente ao Ushaw College, diz em sua folha de rosto o que Topcliffe fazia com seus livros: “Emprestado para o serviço de Deus, Rainha Elizabeth, & Ingla[terra] / xiiii Ivnij: 1599 / Por mim / Ric: Topclif[fe],” diz ele. Topcliffe facilitou o movimento do livro, e sua menção ao “serviço de Deus” aponta para a conexão entre leitura e violência, o próprio “serviço” que ele tem em mente. Nas folhas de rosto de quatro das cinco cópias de *True defense* de que tenho o conhecimento e que contêm marginália de Topcliffe, ele escreveu, “Para ser lido & usado para o serviço da R. Elizabeth e não para outra coisa,” ou uma variação disso.⁴¹

A rejeição de outros usos (“*not otherwise*”) sugere que o fornecimento de livros católicos por parte de Topcliffe pudesse servir para propagar suas ideias em um tom mais positivo, possibilidade essa que ele definitivamente queria excluir. A cópia pertencente à Universidade de Cambridge de *True defense* contém uma outra nota em sua folha de rosto, em outra caligrafia, em que se lê, “*Mr Toplifs gifte/*.”⁴² Isso não necessariamente significa que o próprio Topcliffe tenha dado o livro, mas sugere, certamente, a crença de que ele teria facilitado a transferência de posse. A leitura de Topcliffe não é inteiramente atípica; membros do governo examinavam livros puritanos com os mesmos propósitos violentos, conforme mostram os debates do julgamento do controversalista John Penry (1563-93), sobre o uso de excertos retirados de seus papéis confiscados.⁴³

40 A Short-Title Catalogue of Books Printed in England, Scotland, and Ireland, and of English Books Printed Abroad, 1475-1640 (daqui em diante, STC), 4902, 4904, 4905, 4906, e 4907.

41 ALLEN 1584d, folha de rosto. Nas outras cópias lê-se, “To be redd & vsed for the service of Q. Elizabethhe” (Allen, 1584e); “To bee redd & vsed for y^e Service of God, & Q Elizabethhe, & the peace of Englande, & for No other pvrpose, Or Cavse” (Allen, 1584f); “To be redd & vsed for the service of God Q. Elz & the peace of England & for No other cavse or purpose” (ALLEN, 1584a).

42 “Mr Toplifs gifte/.” ALLEN (1584a), folha de rosto.

43 CROSS (2004).

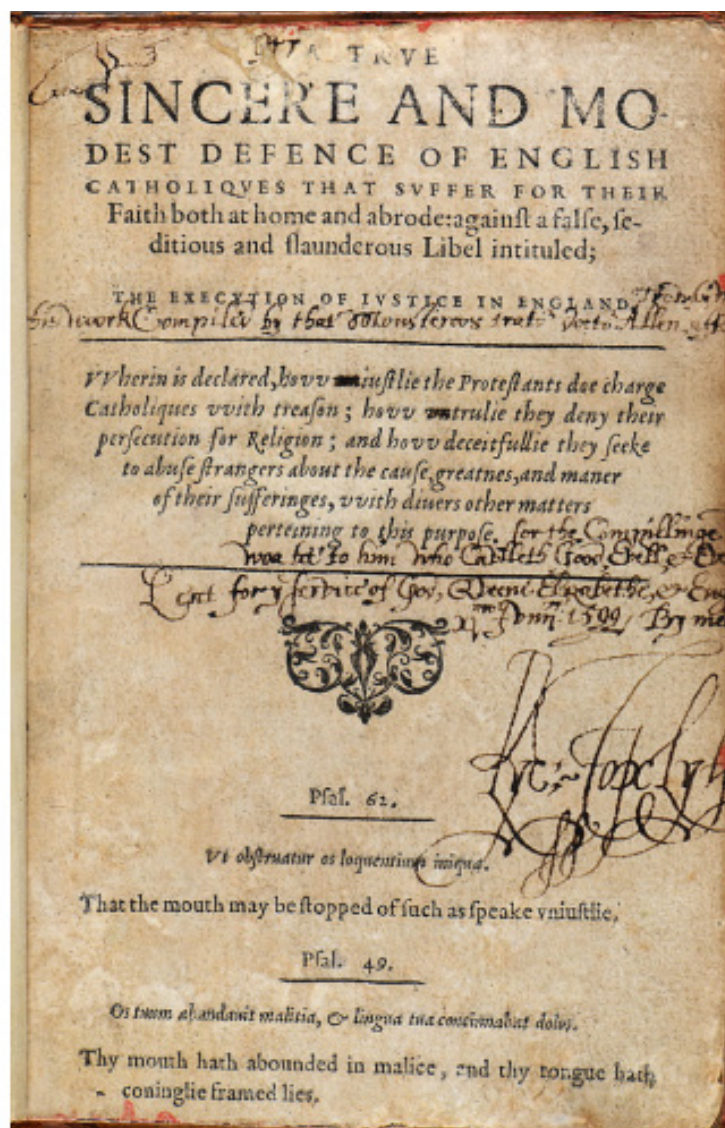
Topcliffe manteve alguns de seus livros anotados. Sua segunda edição da adaptação italiana da obra de Nicholas Sander, feita por Girolamo Pollini, configurava-se como uma história hostil da Reforma Inglesa, e era intitulada *L'istoria ecclesiastica della rivoluzion d'Inghilterra* (A história eclesiástica da rebelião da Inglaterra, 1597). Encontrando-se agora na Universidade de Exeter,⁴⁴ a obra, isto é, a adaptação de Pollini, pertencia ao historiador A.L. Rowse (1903-97). O autor original, Sander (c. 1530-81), foi, dentre os exilados católicos, um dos mais proeminentes adversários do reinado de Elizabeth; seu trabalho *“De Origine ac Progressu Schismatis Anglicani”* (Sobre a origem e o progresso do cisma inglês, 1585), é a base para a adaptação de Pollini e surgiu postumamente, depois da participação de Sander na Rebelião de Desmond (1579-83), contra o domínio inglês na Irlanda.⁴⁵ Uma das anotações de Topcliffe, na versão de Pollini pertencente a Exeter, menciona a cópia que ele havia confiscado de *Treatise of schisme* (1578), de Gregory Martin, e confirma que ele a manteve em sua posse após 1594: “cuja cópia inglesa eu tenho para a vergonha deles,”⁴⁶ diz ele. Além disso, na correspondência de Topcliffe frequentemente se discutem os livros por ele tomados. Sua breve carta a Sir Robert Cecil (1563-1612), datada de 10 de junho de 1596, revela o movimento dos livros: “Talvez agrade vossa excelência lembrar-se do livro escrito pela metade em papel que lhe deixei para que examinasse,” diz Topcliffe, “pois eu precisarei dele muito brevemente // E você deverá ler o restante assim

44 SANDER (1594): ALISSON e ROGERS (1989-94), 1:992. Essa obra não estava em Exeter quando foi descrita por Rowse, e seu paradeiro era desconhecido por Sherman, xviii. Sua menção por parte de Neale, 153, é anterior à sua chegada a Exeter. Sobre Pollini, ver WYATT (2005), pp. 128-30.

45 Sobre Sander e a popularidade de sua obra, ver HIGHLEY (2005).

46 “Whiche Englishe Coppy I have Extant to yer Shaymes,” SANDER (1594), p.575.

Figura 2: William Allen, A true, sincere, and modest defense of English Catholiques (1584), folha de rosto. Ushaw College, Durham, XVII-I.G.7.25. Usada com permissão da Biblioteca da Durham University e dos curadores de Ushaw College.



que eu o obtiver do Lorde Chefe de justiça da Inglaterra.”⁴⁷ Ele comumente mandava livros por meio de mensageiros. Juntamente com o emissário de uma carta de 6 de janeiro de 1593 enviada a Sir John Puckering (1544-96), Senhor Guardião do Grande Selo, Topcliffe enviou “o vil insidioso livro que mencionei à vossa senhoria: em sua Última estadia na Corte, e que está desencadernado, a fim de chegar mais rapidamente às vossas mãos.”⁴⁸ Devolver essa obra “vil” e “insidiosa” significa contestar seu conteúdo sob os termos da lei estatutária, e dessa maneira encaminhar-se à perseguição violenta. O que se tem restante da correspondência de Topcliffe permite, assim, que o movimento dos livros seja retraçado.

A caligrafia de Topcliffe é uma escrita secreta fluída e caracterizada por longos floreios e descidas, além de uma ortografia ocasionalmente idiossincrática: ele com frequência emprega um duplo “o” quando normalmente se esperaria um “ou”, como, por exemplo, quando ele escreve “*tratoroos*” [insidioso] e sua forma adverbial “*tratorooslye*” [insidiosamente].⁴⁹ Essas características permitem identificar de forma razoável sua escrita distinta sem muita dificuldade. Topcliffe, quase sempre acrescenta sua proeminente escrita itálica pelo menos uma vez em cada documento por ele anotado, comumente ao lado de sua marginalia.⁵⁰ Ele também pontua sua correspondência e glosas marginais com uma manícula característica, ou não apontando, e às vezes um patíbulo desenhado à mão. Porquanto leitores da época moderna personalizavam suas manículas, elas muitas vezes podiam ser usadas para identificar leitores específicos, e Topcliffe usava a sua como uma marca *nota bene* tal qual reconheceu William Sherman.⁵¹ Traço, manícula e ortografia, juntos, podem identificar a escrita de Topcliffe, mesmo quando seu nome não está presente.

As cinco cópias anotadas de *True defense*, de Allen, de 1584, formam parte de um baú apreendido por Topcliffe. O livro de Allen defende padres missionários católicos, em oposição à obra *Execution of justice in England*, de

47 “For I shall stande to have it very shortlye // And yow shall peruse the resedew as sowne As I have it from ye Lo Cheeff iustyce of England.” Hatfield House, Cecil Papers (a partir daqui, HH, Cecil Papers), 51/107.

48 “The vile tratoroos booke I did tell yo r Lo: of, at yor Last beinge at Coorte, wch is vnbownde, for the more speedy cu[m]minge to yor Lo: hande[s].” The National Archives (a partir daqui, TNA), State Papers (a partir daqui, SP) 12/244, fol. 5r.

49 Philip Caraman chamou a escrita de Topcliffe de abominável, e Augustus Jessopp aponta para “o deplorável e peculiar estilo de composição de Topcliffe e ainda mais peculiar ortografia.” CARAMAN (1951), p. 278; JESSOPP (1879), p. 145.

50 PRESTON e YANDLE (1999), pp. 52-55.

51 SHERMAN (2008), pp., xvii, xix, 25-52. N.d.T.: “*nota bene*” é uma expressão latina para “veja bem”, “preste atenção.”

Cecil.⁵² *True defense* está entre aqueles livros impressos por Persons de sua prensa em Rouen no continente e contrabandeada para a Inglaterra, e por essa razão o regime lhe associou, e a outros livros como ele, à atividade de padres missionários.⁵³ Contrabandistas e distribuidores disseminavam cópias do livro pelo país. Uma cópia foi confiscada em 1585, retirada de Edmund Reynolds, MA (1538-1630), irmão dos controversialistas William (1544?-94) e John Reynolds (1549-1607).⁵⁴ No mesmo ano, o recusante de Oxford John Barber (fl. 1586), confessou ter “recebido um baú com certos livros então lhes dirigidos por uma subscrição, como ele conclui de Mr. Alfield, a serem enviados a Gloucester, e que abriu o tal baú, e viu nele um livro contra a execução [i.e., *True defense*].”⁵⁵ Pelo menos uma cópia circulou pela corte real, caso se possa crer no que diz uma glosa na cópia hoje preservada no Emmanuel College, Universidade de Cambridge.⁵⁶ Em sua busca por cópias do livro de Allen, Topcliffe representou o poder e a pessoa da rainha; um mandado é preservado na British Library, similar ao que ele pode ter possuído, e que autoriza os emissários a entrarem em “todas as casas que considerarem necessário” e a “confiscar toda sorte de cartas, escritos, papéis, livros, e todas as outras coisas que tenham nota de suspeição.”⁵⁷ O confisco compulsório de livros e documentos invariavelmente serviu como o prelúdio das anotações afrontosas e das execuções violentas de Topcliffe.

Esse baú com os livros de Allen pode ter vindo de Thomas Alfield (1552-85), um padre seminarista e distribuidor de livros, que difundiu entre “quinhentas ou seiscentas” cópias de *True defense*, de Allen, a partir da paróquia de All

52 Para um estudo dos livros de Cecil e Allen, ver KINGDON (1965).

53 ALLISON e ROGERS (1989-94) 2:14. Sobre o contrabando de livros católicos, ver WALSHAM e HAVENS (2014), p. 132.

54 Black, lista da biblioteca 250.1

55 “Received a trunk with certain books therein directed unto him by a superscription, as he thinks from Mr. Alfield, to be conveyed to Gloucester, and that he opened the same trunk, and saw therein one book against the execution [i.e., the *True defense*].” TNA, SP 12/178, fol. 83r, citado em HAVENS, 231-32. Ver também WALSHAM e HAVENS (2014), p. 148; Black, lista da biblioteca 243. Um John Barber é citado nos Recusant Rolls de 1593-94 de Oxfordshire, como sendo o marido de Ann Barbor, uma recusante condenada. HAVENS(2016), p. 232.

56 Uma caligrafia secretarial foi escrita, “Este livro me foi trazido enquanto oficial tendo sido encontrado na corte retirado de uma peça de roupa [dowblett] de Sr foxes vestida por Bell o ancião para os Taylors.”em ALLEN (1584b) O8v.

57 “All such howses as they shall thincke mete” and “to sease all manner of letters, writings, papers, bookes, and all other thinges Carryinge Note of suspicion.” BROWNLOW (2003), pp. 166-67. British Library (a partir daqui, BL), Harley MS 6998, fol. 46r, transcrito por BROWNLOW (2003), pp. 173-74.

Saints, em Bread Street, em setembro de 1584.⁵⁸ Topcliffe havia confiscado cópias de *True reporte of the death and martyrdome of M. Campion*, [Relato verdadeiro da morte e do martírio de M. Campion] de 1582, que Richard Verstegan havia imprimido secretamente.⁵⁹ Um documento escrito pela mão de Topcliffe preservado entre os *State Papers*, e intitulado “*Mr Tophlys note of certain seminary priests*”, registra duas incursões em que Topcliffe obteve, respectivamente, seis e quarenta cópias de *True reporte*, retiradas do padre seminarista Edward Osborne (1555-1600) e de Edward Cooke (fl. 1582), que é descrito como “Servo do inspetor Smythe na Rua Pai Nosso.”⁶⁰ As seis cópias de Osborne diz-se que são “Os livros insidiosos do martírio de Campyans, Sherwyn e Bryans como eles o chamam” (i.e., *True reporte*, de Alfield), e na mesa de Cooke, Topcliffe “encontrou cinquenta dos ditos livros insidiosos a serem publicados,” de acordo com o relatório.⁶¹ A acusação de Alfield é datada de 5 de julho de 1585.⁶² Sua prisão coincidiu com a do padre William Wiggs (fl. 1577-85), que foi acusado por “dispersar livros difamatórios contra a execução da justiça,” e que é mencionado como distribuidor de livros em um inventário de mais de seiscentos títulos católicos que foram disseminados a partir das prisões de Newgate e de Marshalsea, em Londres.⁶³

Topcliffe provavelmente marcou suas cópias de Allen, conectando-as à prisão de Alfield, porque a linguagem da acusação se baseia na marginalia de Topcliffe, preservada em pelo menos dois livros, um deles sendo a cópia anotada de *True defense*, de Allen, pertencente à Huntington Library. Essa conexão entre a leitura de Topcliffe e a acusação de Alfield jamais fora identificada, até onde meu conhecimento permite dizer, e sugere de modo conclusivo que Topcliffe ou se envolveu com a realização do indiciamento ou então habilitou alguém a fazê-lo. Em cada uma das cópias do livro, ele modificou o título de tal modo a enquadrar os conteúdos como especificamente dotados de teor de traição, além de que sua escolha de palavras emprega linguagem estatutária. Na margem superior de uma das duas cópias anotadas, pertencentes à Bodleian Library, por exemplo, lê-se, “*A [fal]se seliccoos & Imodest offfence set*

58 POLLEN (1908), p. 118; ver também *The life and end of Thomas Awfeeld*, A4v; WALSHAM (2000), p. 86; HAVENS, p. 220.

59 ALLISON e ROGERS (1989-94), 2:4; SOUTHERN (1980), pp. 358-59.

60 “Servant to proctor Smythe in prnoster Row.” TNA, SP 12/152, fol. 97r, impresso em POLLEN (1908), pp. 26-27. Ver QUESTIER (2006), pp. 188-89; BL, Lansdowne MS 35/26 (printed in POLLEN, 27-30), sobre esse sequestro.

61 POLLEN (1908), p. 27. Não sei se Topcliffe anotou algum desses, ou onde estão (e se de fato ainda existem).

62 POLLEN (1908), p. 117.

63 HAVENS e PATTON (2017), pp., 175-76. O inventário é BL, Lansdowne MS 33, fol. 152r-v.

ovt by Englishe Trai [tors] sume abroad & sume at home groaninge for the Gallows v[nder] cullor & shadow of."⁶⁴ Essa frase, quando colocada imediatamente antes do título impresso, revisa ao todo de modo a descrever o livro como tendo sido escrito por traidores que desejavam enganar os leitores, levando-os a crer que ofereceria uma verdadeira defesa. Modificações como essa não eram incomuns no século XVI,⁶⁵ porém uma segunda cópia da Bodleian Library revela revisões quase idênticas em sua folha de rosto. O uso único de "*gall vs*" [enganar-nos] na nota presente na folha de rosto desta cópia implica o "intento maligno" que Topcliffe precisava estabelecer.⁶⁶

A alteração da folha de rosto mais bem preservada na cópia da Huntington Library, permite que seja feita uma reconstituição conjectural da inscrição similar que é preservada, de forma fragmentária, nas demais quatro cópias.⁶⁷ Considerando-se essa evidência, a folha de rosto da cópia hoje tida pelo Ushaw College foi provavelmente marcada de maneira semelhante, muito embora todas as palavras da glosa de Topcliffe, com exceção de "*of*", já tenham sido cortadas; essa cópia também preserva a assinatura e a manícula características de Topcliffe (fig.2).⁶⁸ A substituição da palavra "*immodest*" [imodesto] por "*slandorous*" [difamatório] na glosa da folha de rosto da cópia pertencente à Cambridge University Library é proposital porque "matéria falsa, sediciosa e difamatória" constituía evidência de crime, enquanto o material imodesto não.⁶⁹ A escolha incomum de Topcliffe de anotar pelo menos cinco cópias do livro de Allen aponta para a obsessão das agressões anticatólicas, e pode indicar sua decisão de fornecer cópias a vários indivíduos diretamente em vez de circular um memorando explicando seus achados. Nenhuma dessas cópias contém marginalia de Topcliffe para além da folha de rosto, exceto a cópia da Huntington Library, que é inteiramente anotada em um estilo hostil. É provável que Topcliffe tenha selecionado a cópia da Huntington Library para ler de modo completo, e que depois tenha marcado as demais folhas de rosto de maneira programática antes de despachar todo o grupo.

64 "A [fal]se sed[iccoos & Imodest o]ffence set ovt by Englishe Trai[tors] sume abroad & sume at home groaninge for the Gallows v[nder] cullor & shadow of." ALLEN (1584d), folha de rosto.

65 WALSHAM (2010), discute tal apropriação.

66 ALLEN (1584e), folha de rosto. A glosa está parcialmente rasgada, mas "Trators sume abroad, & sume at home... gall vs, vnder shadowe of" pode ser lido.

67 ALLEN, 1584f, folha de rosto. A imagem é reproduzida em SHERMAN (2008), p. xviii.

68 ALLEN, 1584c, folha de rosto. Essa cópia é discutida em UNDERWOOD (2015).

69 ALLEN, 1584a, folha de rosto: "A [false Sedicioos] & slandroos [offence, set ovt by] [English] Trators summe abroad & summe at home Groaning fot t[he] Gallows vnder cullor of."

A cópia do indiciamento contra Alfield, preservada entre os manuscritos Lansdowne da British Library, reúne uma série de citações de *True defense*, de Allen, que Topcliffe marcou de forma específica em suas glosas presentes na cópia da Huntington Library.⁷⁰ Dessa maneira bem direta, a leitura de Topcliffe facilitou a morte de Alfield. Além de uma passagem em que Allen discute o perigo dos príncipes heréticos, Topcliffe escreveu em sua cópia, “heresia deles para quem a morte de Cristo não é suficiente para a nossa salvação.”⁷¹ O parágrafo correspondente em Allen é citado no indiciamento, em que se lê, “Quando do rompimento do rei com a fé é tão evidente e inevitável o perigo de que Deus não proveria o suficiente para a nossa salvação e a preservação de sua Igreja e santas leis caso não houvesse meios para despojar ou conter Príncipes Apóstatas.”⁷² A acusação também aborda a descrição de Allen sobre o pai da rainha Elizabeth, Henrique VIII (r. 1509-47), ao inserir-se uma passagem marcada por Topcliffe na cópia da Huntington Library: “Tal é o flagelo de nosso País”, lê-se no indiciamento, “dando procedimento à renúncia da Igreja Católica e Sé Apostólica, começou primeiramente em tendo o Rei Henrique VIII sido *Radex peccati* de nossos dias.”⁷³ Isso corresponde diretamente à linguagem de Allen e aparece na cópia anotada da Huntington Library em oposição à manícula e à glosa de Topcliffe, em que se lê, “*Radix peccati*” (“raiz do pecado”).⁷⁴

O indiciamento de Alfield inclui a discussão sobre a política papal no que diz respeito à Irlanda, e menciona em particular que “A sé Apostólica reivindica há muito tempo a soberania daquele país.”⁷⁵ Topcliffe tinha sob sua posse o manuscrito de *Histories of Ireland*, de 1571, de Edward Campion.⁷⁶ Em sua versão de Sander, adaptada por Pollini, ele escreveu sobre tais Histórias,

70 “Howfielde Enditem(t),” BL, Lansdowne MS 33, fols. 130r-139v, reimpresso em POLLEN (1908), pp. 112-17; *A Catalogue of the Lansdowne Manuscripts*, 1:66.

71 “Heryzye for the[m] ye deathe of Christ is not sufici[n]t for or salvacion.” ALLEN (1584), 114.

72 “By the fall of the kinge from the fayth the daunger is so evident and inevitable that God had not sufficiently p[ro]vided for our salvac[i]on and the p[re]servac[i]on of his Church and holy lawes yf there were no waye to depriue or restraine Apostate Princes.” BL, Lansdowne MS 33, fol. 133r; cf. Allen, 1584f, 114.

73 “This our Countries scourge,” the indictment reads, “p[ro]ceedinge wholye of or notorious forsaking the Catholike Church and sea Apostolique, began first in King Henrie the eight beinge *Radex peccati* of or dayes.” BL, Lansdowne MS 33, fol. 138r; cf. Allen, 1584f, 188.

74 ALLEN, 1584f, 188.

75 “the sea Apostolique hath an old clayme to the Sou[ver]aignty of that Countrey.” BL, Lansdowne MS 33, fol. 137r.

76 CAMPION (1963).

“tenho essa história escrita por sua própria mão (como se diz)”. Logo mais, no mesmo volume, em uma nota concernente a Persons e Campion, Topcliffe afirma que Campion, “um descontente,” “foi à Irlanda & escreveu uma história da disrupção da Irlanda (em que ele parecia um protestante).”⁷⁷ Muito embora esse manuscrito autógrafa de Campion não tenha sido divulgado, a menção à Irlanda na acusação revela a tentativa de vincular Alfield, a fim de desacreditá-lo, à recente rebelião irlandesa e a Nicholas Sander; autoridades haviam tentado o mesmo no caso de Campion.⁷⁸

A leitura de Topcliffe também tornou possível a perseguição do governo a William Carter (c. 1549-84), impressor também responsável por *Treatise of schisme*, de Gregory Martin.⁷⁹ Como indica seu título, esse Tratado foi escrito para demonstrar por que “todos os católicos deveriam de todo modo se abster de encontros heréticos” (ou seja, serviços e celebrações na Igreja Inglesa), e se junta a outras obras desse subgênero, incluindo *A brief discours contayning certayne reasons why Catholiques refuse to goe to church* (1580)⁸⁰ Martin cita a história bíblica de Holofernes sendo assassinado por Judite, “cuja piedosa e constante sabedoria,” diz ele, “se nossos senhores católicos a seguissem, eles poderiam destruir Holofernes, o mestre herege.”⁸¹ A cópia de Topcliffe do livro de Sander, em sua versão adaptada por Pollini, contém uma nota marginal em que ele relaciona Carter e Martin: “Esse W[illia]m Carter eu descobri & apreendi,” diz Topcliffe; “Ele se tornou habilidoso na arte de imprimir, & era versado nas coisas: ele imprimiu muitos livros sediciosos como o tratado do cisma que foi co[m]pilado por Gregory Martyne, que subscreveu

77 “A Malecontent,” “went Into Irlande & hee did write A history of ye disruip[sio]n of Irland (wherin hee Seemed a protestant).” SANDER (1594), Kk4v, Mm7r.

78 KILROY (2015), pp. 307. O relato de KILROY (126-30, 179-85) sobre o envolvimento de Sander na rebelião irlandesa é crítico a Sander, ver também Veech, 259-92. Dois manuscritos não autógrafos das *Histories de Campion* (Bodleian Library, Universidade de Oxford, MS Jones 6; Dublin, Farmleigh MS IV.E.6) não contêm marginalia de Topcliffe. A acusação pode ter sido citada em *De Rebus in Hibernia Gestis* (1584), de Richard Stanyhurst. Devo essa informação a Gerard Kilroy.

79 STC 17508; ALISSON e ROGERS (1989-94), 2:524. Outras cópias foram confiscadas do landowner William Shelley (1582); um desconhecido “Master Travers”, cuja cópia foi apreendida em Winchester [...] (1583); Lady Isabel Hampden de Buckinghamshire (1584); e o conspirador Anthony Babington (1586), cuja cópia era manuscrita. Black, listas da biblioteca 220.2, 227.1, 242.32, e 248.11. Ver também HAVENS, p. 243.

80 STC 19394; ALLISON e ROGERS (1989-94), 2:613. WALSHAM (1993), pp.24 - 25.

81 “whose godlye and constant wisdom,” [...] “if our Catholike gentlewomen would folowe, they might destroye Holofernes, the master heretike.” MARTIN, D2r.

sua mão, & nome...cuja cópia inglesa eu tenho para a vergonha deles.”⁸² Em uma nota adiante lê-se que, Topcliffe havia encontrado também uma cópia manuscrita do trabalho de Martin sobre as premissas de Carter: “Esse livro chamado o tratado da cisma eu encontrei no quarto de W[illia]m Carter & a cópia escrita [i.e., um manuscrito] enviada de Roma pela mão do doutor Allen & Gregory Martyn que compilaram o livro de modo tão sedicioso.”⁸³ Referidos sob a categoria de “escritos” nos estatutos de traição, manuscritos se provaram particularmente valiosos a Topcliffe devido a sua admissibilidade como testemunhos escritos, caso levados como evidência ao tribunal. A cópia impressa de *Treatise*, agora na Bodleian Library, contém ainda outra nota escrita por Topcliffe, na qual ele registra sua descoberta, juntamente ao manuscrito, “na casa de W[illia]m Carters na Torre com a cópia original enviada de Rhemes.”⁸⁴

Carter, foi condenado por traição em 10 de janeiro de 1584, e um resumo de seu julgamento foi impresso como parte de uma segunda edição aumentada da compilação *Concertatio Ecclesiae Catholicae in Anglia* (O conflito da Igreja Católica na Inglaterra, 1588).⁸⁵ De acordo com esse texto, Carter foi acusado de conspirar para assassinar Elizabeth. A marginalia de Topcliffe ajudou o regime a associar o livro de Martin à lei estatutária de 1571, contra assassino régio. Esse livro, diz-se, encorajou mulheres inglesas católicas a destruir sua líder herética, Elizabeth, que é descrita como o atual Holofernes, o general babilônio assassinado no livro antigo testamentário de Judite.⁸⁶ A interpretação dada no tribunal se inicia com a própria nota de Topcliffe ao lado da passagem mais importante, em que ele diz, “Uma mensagem Traidora do Autor e impressor, às nossas senhoras católicas, a fim de serem

82 “Thys Wm Carter I did discover & Apprehende,” Topcliffe says; “Hee [be]cam skillfvl in ye arte of printing, & was Learned in ye Tvnges: hee did printe many tratorroos Books As The Treatise of Scisme wch was co[m]piled By Gregory Martyne, vnto whiche Gregory Martyn did Svbscribe his hande, & Nayme . . . whiche Englishe Coppy I have Extant to yer Shaymes.” SANDER (1594), Nn8r.

83 “This Booke cawld the treatice of Scisme I did finde in Wm Carters Chamber & the write[n] Coppy [i.e., a manuscript] Sent from Roome vnder ye hand of doctr Allen & Gregory Martyn who Compylled yt Booke most tratorrooslye.” SANDER (1594), Tt6rr.

84 “At Wm Cartirs in his hovse at the Tower hill wth the Origenall Coppy sent from Rhemes.” Essa nota aparece numa folha em branco inserida em Martin no lugar de sua folha de rosto. A marginalia está reproduzida em Birrell, 32-33. Sobre a data do confisco, ver BIRRELL (2006), p. 24.

85 GIBBONS e FENN (2011), fols. 127r–133r. ALISSON e ROGERS (1989-94), 1:525. Sobre o julgamento de Carter, ver também KILROY (2015), pp. 361–62.

86 GIBBONS e FENN (2011), fol. 127r.

como Judite destruindo Hol: [...] etc.”⁸⁷ Partindo dessa mesma alegação de Topcliffe, o advogado de acusação, Thomas Norton (c. 1530-84), declarou que o livro de Martin encorajava “súditos de Sua Majestade” a “recusar-se a serem subservientes...[a] alimentar sedição, não hesitando em entregar a Rainha à morte.”⁸⁸ Em sua defesa, Carter optou por uma leitura alternativa do episódio bíblico: “essa ideia era,” disse ele, “que se designasse pelo nome de *Holofernus Cacadaemon* e iniquidade; cujo tipo de Alegoria não é incomum entre os Teólogos.”⁸⁹ Dirigindo os procedimentos, o bispo John Aylmer (1521-94), caracterizou a interpretação de Carter como sendo “sophismas ineptos e sem sentido.”⁹⁰ Carter foi condenado e executado no dia seguinte.

Os pagamentos de Topcliffe

Os meios de sustento de Topcliffe revelam quanto o regime havia se comprometido com seus métodos de leitura. Ao contrário do que se pensa, ele não financiou suas atividades de maneira independente, a partir de seu próprio patrimônio familiar.⁹¹ Ele é descrito como escudeiro do conselho da rainha em um processo datado de cerca de 1589, e como seu servo pelo Conselho Privado em 1573.⁹² Ele se orgulhava dos serviços de seu avô como camareiro da mãe da rainha, Ana Bolena (c. 1500-36), e do casamento de seu tio materno com a ex-mulher de Henrique VIII, Katherine Parr (1512-48).⁹³ As listas de patentes elisabetanas preservam uma série de ordens reais autorizando o ressarcimento a Topcliffe por encargos de sua perseguição aos católicos. Uma dessas comissões, datada de 26 de fevereiro de 1593, autoriza Topcliffe e outros a procurar estrangeiros, recusantes, e outras pessoas suspeitas,

87 “A Tratorus meaning of ye Auctor et prynter, to or gentilwome[n] catholicke, to becom like Ivdeth to destroy Hol: to amayse etc.” MARTIN, D2r. Ver também KILROY (2015), pp. 361–62.

88 “Subordinates of the Queen’s Majesty” to “refuse to be subservient . . . [to] bring about sedition, and not be frightened to give the Queen to death.” GIBBONS e FENN, fol. 129r. Devo esse, e os trechos traduzidos seguintes, à tradução ainda não publicada de J. Christopher Warner dessa porção de *Concertatio*.

89 “This sense was,” [...] “to designate by the name *Holofernus Cacadaemon* and wickedness; which kind of Allegory is not infrequent among Theologians.” GIBBONS e FENN (2011), fol. 130v.

90 “Nonsense and inept sophisms.” GIBBONS e FENN (2011), fol. 131v.

91 E.g., BROWNLOW (2003), p. 164.

92 *Acts of the Privy Council*, 8:213. Em 1601, Topcliffe escreveu a Sir Robert Cecil alegando que havia servido à Rainha Elizabeth por quarenta e quatro anos. HH, Cecil Papers, 86/88, citado em Brownlow, 2003, 163, 175n7.

93 Brownlow. 2003, 163. Cf. marginalia relevante em sua cópia de Sander adaptada por Pollini, discutida em ROWSE (1987), pp. 187–88.

e a interrogá-los e aprisioná-los, com reembolso não excedendo £6 13s. 4d. “para os gastos com a condução de cada prisioneiro.”⁹⁴ Topcliffe é citado, juntamente com outros, e a mesma compensação é autorizada, em cartas de patentes separadas datadas de 26 de março de 1593 e 6 de junho de 1594.⁹⁵ Uma comissão semelhante sobrevive, datada de 21 de janeiro de 1595, que novamente cita Topcliffe e outros, e que promete uma “*permission for conduct money*” não especificada.⁹⁶ Ele também parece ter obtido o direito à primeira recusa para a propriedade móvel de suas vítimas, que era confiscada em casos de condenação por traição.⁹⁷ Durante o verão de 1583, Agnes Carter, esposa do impressor Carter, pediu a Sir Francis Walsingham (c. 1532-90), que as posses de seu filho fossem devolvidas a ele em seguida à sua prisão na Torre de Londres; o pedido indica que as posses de Carter estavam sujeitas a dissipação por parte do regime.⁹⁸ Quando Topcliffe e William Fleetwood (c. 1525-94), o arquivista de Londres, prenderam o padre Thomas Worthington (1549-1626), e seus três sobrinhos perto de Islington naquele mesmo ano, Topcliffe reteve seus cavalos.⁹⁹ Ele também entrou em um contrato de £ 50 com William Cecil.¹⁰⁰

Topcliffe também recebeu pagamentos mais extravagantes. Em seguida à Rebelião do Norte de 1569, ele entrou com uma ação pelas terras, em Yorkshire, de Richard Norton (d.1585), o líder despossuído de uma importante família de rebeldes; e pouco tempo depois estava na lista de pagamento de Burghley.¹⁰¹ Em 1594, ele promoveu o encarceramento de Robert Barnes (fl.1593-98), mensageiro e guia de padres missionários, e de Jane Wiseman (d. 1610), por esconderem um padre; Barnes foi julgado em 1598, mas ambos foram liberados.¹⁰² A razão para tal soltura se torna clara em uma carta de 12

94 “For the charge of conduction of each prisoner.” *Calendar of Patent Rolls 35 Elizabeth I*, 569.

95 *Calendar of Patent Rolls 35 Elizabeth I*, 570; *Calendar of Patent Rolls 36 Elizabeth I*, 830.

96 *Calendar of Patent Rolls 37 Elizabeth I*, 718. “*permission for conduct money*” é uma expressão jurídica referente a um pagamento pelos custos de transporte e acomodação feito à testemunha num caso. [N.d.T.]

97 POLLEN (1908), p. 363; MORRIS, J.A. 19. Ver também *Statutes of the Realm*, 4:1.527 (13 Eliz. I, c. 1).

98 TNA, SP 12/206/92, registrado in LEMON (1865), p. 450; impresso em POLLEN (1908), p. 39. Devo essa referência a J. Christopher Warner.

99 FOLEY (1877-83), 2:130. Vale ressaltar que quando o governo confiscou a propriedade do conspirador Anthony Babington, em 13 de setembro de 1586, a rainha Elizabeth deu uma parte de suas posses a Sir Walter Raleigh. HAVENS (2016), 248n65.

100 LEMON (1856), p. 467.

101 BROWNLOW (2003), 163; JESSOPP (1877), p. 271.

102 Sobre Barnes, ver QUESTIER (2004), p. 244-50.

de julho de 1598, escrita pelo sobrinho de Wiseman, o poeta Henry Lok (d.c. 1608), e endereçada a Sir Robert Cecil.¹⁰³ Lok solicita o controle das propriedades tanto de sua tia quanto de Barnes, as quais ele avalia em £ 68 e £ 140, respectivamente; e informa a Cecil que o testamento da última findaria com a morte de Barnes.¹⁰⁴ Porque, Topcliffe também estava competindo por tal dinheiro, ele mal poderia arcar com a execução de Barnes. Essa interpretação ganha força por conta de uma outra carta de Lok, dedicada a Cecil, de 26 de julho, na qual ele protesta que Topcliffe lhe estava vencendo. “Eu humildemente desejo não ser contrariado nesse processo por tamanha intrusão de meu rival,” diz ele, “Especialmente tendo ele mais recursos que eu, & tendo já obtido mais 1000 li por seu serviço (mais que eu mesmo).”¹⁰⁵ Pode ser que Lok tenha exagerado quando afirmou que Topcliffe teria recebido £ 1,000; não obstante, seu testemunho é corroborado por uma história, mais conhecida, sobre o esforço constante de Topcliffe para arruinar Sir Thomas Fitzherbert (1514-91): depois de seu sobrinho, também chamado Thomas, ter prometido a Topcliffe um contrato de £ 3,000, caso ele provocasse a morte de seu tio e de seu pai. A querela foi considerada sensível demais para ser discutida em audiência pública.¹⁰⁶

Depois desse caso, Topcliffe obteve a posse dos bens de Fitzherbert em Paddley, Derbyshire, posse essa que foi confirmada após o jovem Thomas tê-lo processado em Chancery.¹⁰⁷ Topcliffe também buscou uma negociação com o Conselho Privado pelo direito de administrar os bens de duas paróquias de Lincolnshire, talvez porque uma delas, ou as duas, lhe houvesse sido prometida em troca de seus serviços. Em 8 de outubro de 1586, o conselho interveio em um conflito entre Topcliffe e Sir Christopher Wray (c.1522-92), chefe de justiça da corte de Queen’s Bench, acerca “dos dízimos e proveitos pertencendo ao Prebendado de Corringham e Stowe no condado de Lin-

103 Os eventos são resumidos em POLLEN (1908), pp. 362-64. Ver também WALKER (2004).

104 Henry Lok a Robert Cecil, TNA, SP 12/268/3; impresso em POLLEN (1908), p. 370.

105 “I humbly craue that I may not be cownterpesed in this sute by sutch a riual’s intrusion,” [...] “Especially he being one by his place abeler to liue then my self, & hauing obtained 1000li more by his seruiss (then I am like) alreedy.” Henry Lok a Robert Cecil, TNA, SP 12/268/10; impresso em POLLEN (1908), pp. 374-75. Ver também BROWNLOW (1993), pp., 21-22.

106 BRONLOW (2003), pp. 168-70. Ver Black, listas de biblioteca 214, para livros confiscados de Fitzherbert na prisão de Fleet em 1582. O diagrama da família Fitzherbert, que Topcliffe desenhou, sobrevive, TNA, SP 12/235/88, e é reproduzido, juntamente com uma análise, em YATES (1999), pp. 72-74.

107 BROWNLOW (2003), pp. 169-70; MORRIS, J. A. (1964), p.3.

coln.”¹⁰⁸ Topcliffe havia solicitado à própria rainha que fizesse o conselho resolver o desentendimento, uma possível indicação de que seus ganhos eram baseados em acordos informais.¹⁰⁹ Depois de arrastada por uma década, a disputa alcançou uma resolução em 20 de junho de 1596, quando o Conselho Privado conferiu as posses de Stowe para Topcliffe, a fim de “que ele seguisse e trabalhasse naqueles serviços de sua Majestade e no serviço do Estado em que sua Alteza se agrada de empregar-lhe, e nós, de seu Conselho, também.”¹¹⁰ Essa é uma das mais claras admissões do emprego direto e do conhecimento tácito de Topcliffe no que se referia ao pagamento por seus serviços.

A rede de leitura de Topcliffe

As leituras de Topcliffe movimentavam um circuito de vigilância, que conectava prisões e interrogatórios à tortura na câmara, no tribunal e também no cadafalso. Em um despacho de março de 1596, endereçado a Persons, Versetegan descreveu a execução, em Tyburn, de um padre chamado Patteson (d. 1592). Esse relato revela Topcliffe como uma espécie de Pilatos, que escreve a acusação contra Patteson, e encaminha o documento ao patíbulo depois de proferir um discurso à multidão, assim como fizera Pilatos com Cristo.¹¹¹ A ironia bíblica das obras de Topcliffe não passou despercebida às suas vítimas: Swythen Welles (d. 1591) de Hampshire, por exemplo, enforcada nos campos de Gray’s Inn, orou por Topcliffe antes de sua execução, “desejando que Deus o transformasse, de um Saulo, em um Paulo.”¹¹² De acordo com um registro preservado pelo padre secular Thomas Leake (fl. 1595), Topcliffe testemunhou no julgamento do jesuíta Robert Southwell (1561-95), a quem havia torturado. Em seu testemunho, Topcliffe disse ter encontrado Southwell em um “canto pisando em livros” quando o apreendeu na casa de Richard Bellamy (fl. 1581-92), um recusante que residia em Uxenden Hall, em Harrow, fora de Londres.¹¹³ Topcliffe forneceu cópias de cartas e de livros que ele obteve durante essa incursão, em grande número e na presença de um juiz, “mas

108 “The tythes and proffites belonging to the Prebend of Coringham and Stowe in the countie of Lincolne.” Acts of the Privy Council, 14:242.

109 TNA, SP 12/173/1, fols. 124 r-v.

110 “that he maie the better followe and travaile in those her Majestie’s services and the service of the State wherein her Highenes is pleased and our selves of her Counsell often to imploie him.” Acts of the Privy Council, 25:484.

111 POLLEN (1908), p. 208.

112 “desiringe that God would make him of a Saul a Paul.” O registro é de um catálogo de mártires, 1587-94; POLLEN (1908), p. 292. Ver também MAROTTI (2005), pp.76-77.

113 “Leake’s Relation of the Martyrdom of Father Southwell, after February 1595”: POLLEN (1908), pp. 333-37 (335).

nada foi lido neles,” segundo Leake, “nem em outros papéis ou livros que ele retirou de uma bolsa.”¹¹⁴ Para cada bolsa de livros católicos reunidos para a mesa do juiz, Topcliffe conseguiu, para si mesmo, uma carroça de livros e outras parafernalias retiradas das casas de suas vítimas.¹¹⁵ Em busca de meios de capturar Southwell, Topcliffe se moveu contra Anne Bellamy, a filha de Richard, em janeiro de 1592. Ele supostamente a estuprou e arranjou o casamento dela com seu assistente, Nicholas Jones, caso ela lhe revelasse a localização dos esconderijos de padres na casa de seus pais, que já haviam abrigado anteriormente o conspirador Anthony Babington (1561-86), e seus parceiros.¹¹⁶ De acordo com um despacho de Verstegan para Persons, a incursão de Topcliffe, de 25 de junho de 1592, lhe havia trazido não somente Southwell, porém muito mais: ele “seguiu a busca pela casa, diz Verstegan, “lá encontrando muitos materiais de Missa, livros e imagens papistas; tudo isso ele colocou em uma carroça já preparada, e enviou para o seu aposento em Westminster.”¹¹⁷

O conflito de Topcliffe com os Bellamy se desenrolou por anos. Um documento entre os manuscritos Harleian na British Library oferece uma amostra da desavença, e lança luz ao conteúdo da carroça de livros de Topcliffe.¹¹⁸ Escrito em um único bifólio em caligrafia contemporânea, o documento se dispõe em duas colunas, intituladas “Mr Topcliffe’s his exceptions to this petition” e “A true answer to Mr Topcliffe’s exceptions against Richard Bellamy and his wife.” O documento preserva a resposta de Topcliffe à petição de Bellamy e sua esposa, Catherine, filha de William Forster de Cobdock, Suffolk, juntamente à contrarresposta de Bellamy.¹¹⁹ Topcliffe lamenta os “horríveis e sediciosos livros tanto impressos quanto escritos,” que ele diz terem sido “encontrados por mim naquela casa [Uxenden Hall] aos montes, além de muitos outros dispersos; de modo que suas casas eram como lojas de estacionários.”¹²⁰ De maneira particular, Topcliffe afirma que “tanto ele e sua

114 “But nothing was red of them,” [...] “nor of other papers nor books which he poured out of a bag.” POLLEN (1908), p. 335.

115 WALSHAM e HAVENS (2014), pp. 153-54, fornecem outros exemplos de confiscos simultâneos de livros e outros tipos de posses.

116 QUESTIER (2006), p. 245. Babington foi preso na casa de Bellamy em 1586, e executado. Sua biblioteca, confiscada, foi catalogada em BLACK, lista 242.

117 “Fynding there much Massing stuf, papisticall bookes and pictures; all which he caused to be laid in a carte which was redy prydyed, and sent to his logging at Westminster.” PETTI (1959), p. 68. Ver também MORRIS, J. A. (1964), p. 13-14.

118 O documento é um único bifólio, BL, Harley MS 6998, fols. 23r-v; reimpresso em MORRIS, J.A. (1964), pp. 2:53-57.

119 MORRIS, J.A. 2:46.

120 “were found by me in that house [Uxenden Hall] by multitudes, besides many dispersed; so as their houses were like stationers’ shops.” MORRIS, J.A. 2:55.

esposa receberam e abrigaram Doctor Bristow que escreveu os ‘Motivos’, um livro insidioso e difamatório contra Sua Majestade, a Rainha.”¹²¹ Aqui há uma referência aos “Motivos”, de Richard Bristow, “*A briefe treatise of diuerse plaine and sure wayes to finde out the truthe in this . . . time of heresie* (1574)”.¹²² Bristow havia incorporado artigos de fé outrora escritos por William Allen, e que eram controversos porque alguns deles tratavam de obediência papal. Em sua resposta a Topcliffe, os Bellamy sarcasticamente afirmaram que “os livros encontrados por ele [na casa] haviam sido deixados por sua mãe desconhecida.”¹²³

Dentre os livros que certamente passaram pelas mãos de Richard Bellamy está *Rationes Decem*, (Dez razões, 1581), de Edmund Campion, e que havia sido impresso na prensa secreta de Persons em Stonor Park, perto de Henley-on-Thames, em Oxfordshire.¹²⁴ Algumas cópias foram enviadas rio abaixo para Southwark, onde foram encadernadas pelo encadernador católico Rowland Jenks (fl. 1577-81).¹²⁵ Tal qual descobriu Gerard Kilroy, uma cópia sobrevive em sua encadernação original em pergaminho. Esse pergaminho, por sua vez, preserva um documento, datado de 1562, que registra a transferência de um arrendamento de terra, originalmente pertencente a Sir Thomas Docwra (d. 1527), “Prior do antigo hosp[ital] [de S. João],” para a posse de “Rycharde Bellamy,” sendo William e Dorothy Bellamy também mencionados.¹²⁶ Richard Bellamy ou um membro de sua casa pode ter se envolvido na encadernação de *Rationes Decem*, já que é improvável que o arrendamento tenha sido usado

121 “Both he and his wife received and harboured Doctor Bristow that writ the ‘Motives,’ a most traitorous book and slanderous against the Queen’s Majesty.” MORRIS, J.A. 2: 53.

122 BRISTOW (1574); STC 3799; ALISSON e ROGERS, 2:67. Anthony Babington possuía uma cópia; BL, Lansdowne MS 42/78 registra uma lista de “Trayterous and popish books intercepted” que inclui “Motiues to the catholicke faith, by Richard Bristowe” (citado em SOUTHERN, p. 391), ver BLACK, lista 242.5.

123 “the books which he fo[und] in [the house] were there left by his mother unknown to him.” MORRIS, J.A. 2:55 (colchetes no original).

124 STC 4536.5; ALISSON e ROGERS (1989-94), p. 1:135.1. Sobre a obra e a reação gerada, ver KILROY (2015), pp. 199-204.

125 “Prior of the late hosp[ital] [of St. John],” KILROY, pp. 207.

126 William é provavelmente William Bellamy (d. 1566), pai de Richard, e Dorothy, irmã de Richard. J. Morris, 2:49. O pedigree dos Bellamy é preservado em BL, Harley MS 1551. Ver COOPER (1860), pp. 286-87; KILROY (2015), pp. 207-08.

para esse propósito.¹²⁷ Embora nenhuma das cópias existentes de *Rationes Decem* contenha marginalia de Topcliffe, ele diz, em uma nota preservada em sua cópia do Sander de Pollini, que ele “poderia provar que o padre Robert Parsons era um traidor sob e por sua própria mão” e, sobre Campion, “que ele invejava tanto a fortuna dos outros que, por desespero, se tornou jesuíta.”¹²⁸ Mais uma vez, em ambas as petições e na nota, Topcliffe revelava estar ciente do valor que os manuscritos tinham para estabelecer intenções de traição. Tanto Campion quanto Persons faziam uso frequente da “bem provida biblioteca” dos Bellamy em Harrow; e, em seu julgamento, Campion foi especificamente pressionado a refutar os “Motivos” de Bristow.¹²⁹

Era esse o mundo livreiro de Uxenden Hall em que Topcliffe se inseriu. Em sua resposta às “exceções de Mr Topcliffe”, os Bellamy não negam a utilização de sua casa para facilitar o movimento de propaganda católica. A cópia de Ushaw de *The apologie of Fridericus Staphylus* (1565), foi assinada em uma caligrafia itálica por “Rob[er]te Bellamy” no verso da página final, juntamente às iniciais “RB” e “WB”. Talvez tenha pertencido ao irmão de Richard Bellamy, Robert, que foi ele próprio preso em Newgate em 1585, pelo associado de Topcliffe, Richard Young, um juiz de paz de Middlesex. Robert foi posteriormente condenado por frequentar a missa e, em abril de 1593, estava em Marshalsea, onde diz-se que tinha então cinquenta e dois anos de idade.¹³⁰ Staphylus (1512-64), era um teólogo alemão convertido ao catolicismo.¹³¹ Dois confiscos de Topcliffe operados contra Richard Bellamy sobrevivem na Beinecke Library, na Universidade de Yale. Intitulado por Topcliffe “*A Consolatorye l[ett]re to a trato[r] Neare y^e Gallowes fownde at Bellamyes*

127 Esse livro é identificado tanto em Allison quanto em Rogers, bem como no STC, como presente em St. Edmund's College, em Ware, mas é na verdade a cópia perdida do Presbitério de São Pedro, em Winchester, onde ficou de, pelo menos, 1904, até alguns anos atrás; depois de um breve empréstimo à Bodleian Library (onde eu o examinei em 11 de julho de 2014), o volume encontra-se agora em depósito em Stonor Park, em Henley-on-Thames. O livro é costurado com uma corda dupla disposta no exterior do pergaminho, então essa deve ser a encadernação mais antiga. Sou grato a Gerard Kilroy por discutir a proveniência do livro comigo (correspondência privada, 1 de fevereiro de 2018), e por me fornecer a transcrição do documento de arrendamento. Ver também KILROY, pp.207-08.

128 “can proove father Robert parsons to bee a trator vnder & by his ovne hande Extant,” [...] “hee did Envey ye fortvne of otheres So mvtche That despiracio fecit Ihezewitam.” SANDER (1594), Kk4v.

129 “wel furnishd Librarie” KILROY (2015), p. 207; SOUTHERN (1980), pp. 390–91; 519–23.

130 MORRIS, J. (1964), 2:49–51. Se está correta essa identificação, “WB” é mais provavelmente usado para designar os herdeiros de Robert do que seu pai, William, que morreu no ano seguinte à impressão do livro.

131 *Staphylus*; STC 23230.

at vxenden,” o documento consiste em duas cartas, datadas de 27 e 28 de maio de 1583, e endereçadas a “meu querido M: N:”.¹³² Tais cartas são seguidas de “o lavrador e sua resposta às Interrogações dos doutores,” um manuscrito de 12 fólhos oferecido “em vez de uma Apologia pelos últimos mártires de nobre memória.”¹³³ Esses documentos foram escritos pela mesma mão e, ao que tudo indica, foram copiados conjuntamente. Topcliffe fez anotações em ambos, o que sugere que ele os teria confiscado ao mesmo tempo. Ele desenhou par-tíbulos nas margens, tal qual era seu costume quando anotava documentos martirológicos desse tipo. Além disso, Topcliffe também ressaltou suas notas marginais com sua reconhecível manícula.

A tradição de queixa social entre lavradores existe desde *Piers Plowman*, obra do século XIV, fruto de uma visão de William Langland, e que foi modificada no século XVI, quando os protestantes de então tomaram a figura do lavrador como um agrário radical.¹³⁴ O uso de tal figura para educar leitores católicos em suas respostas aos interrogatórios do governo representa, por sua vez, um desvio do que os estudiosos assumem ter sido uma tradição sobretudo protestante. Topcliffe rejeita a apropriação dessa figura a serviço da martirologia católica: acima do título, ele escreve, mais uma vez emulando a linguagem estatutária concernente à ofensa e traição, “Contra a Rainha”, & o estado, mau e sedicioso desde o início, porém mais insidioso no fim.” Em um bifólio em branco, que contém “o lavrador e sua resposta”, ele escreve, “Uma mui insidiosa obra que se pretende ser a resposta do lavrador aos Interrogatórios de lealdade impressos mas de modo a verdadeiramente instruir os papistas sobre como responder enganosamente, & defende os traidores como sendo mártires que morreram em Tyburne em 1582.” “Interrogatórios de lealdade impressos” se refere às chamadas questões sangrentas, que eram utilizadas durante os interrogatórios de católicos suspeitos.¹³⁵

¹³² “A Consolatorye l[ett]re to a trator Neare ye Gallowes fownde at Bellamyys at vxenden,” [...] “my deere M: N:”. *Beinecke Library*, Osborn MS a18, fol. 1r, com o título de Topcliffe no fol. 4v.

¹³³ “peers plowghman hys answer to the doctours Interrogatoryes,” [...] “in stede of an Apology for the late martyrs of noble memory.” *Beinecke Library*, Osborn MS a18, fols. 1r–12v (1r).

¹³⁴ KING (1982), pp. 51–52.

¹³⁵ “Ageinst ye Qen , & stait, Evell & sediccoos at ye Beginninge, Bvt towarde ye Ende & At ye End most Tratoroos.” [...] “A very tratorroos woorke pretended to bee the answers of peyres plowman to the printed Interrogatores of alleadgance Bvtt in trewthe a waye to instrvct pap[is]te[s] how to answer tratorrooslye, & defendethe trators for Martyrs yt dyed at Tybvne in A° 1582.” [...] “Printed Interrogatores of alleadgance” McGRATH (1991).

A preservação dos livros anotados de Topcliffe, ou registros dos livros que ele confiscou, torna visível o mundo clandestino de livros católicos justamente em seu ponto de contato com o governo elisabetano. A estante de Topcliffe preserva seu esforço de reafirmar conexões profissionais e redes de contato. Além de sua carroça de contrabando, sua cópia de uma Bíblia latina, impressa em Paris em 1541, confirma seu *status* de súdito favorecido do regime. Ele diz ter recebido o livro como um presente de Sir Francis Drake (1540-96), o célebre navegador, responsável inicial pelo confisco do livro em Santo Domingo. Em uma página que lista os livros do Antigo Testamento, Topcliffe se reassegura de sua membresia em um círculo privilegiado que também inclui Drake: “Dentre outros favores ele deixou comigo esta jóia: que durará para sempre, e será longa sua fama,” diz ele, antes de assinar a página com sua assinatura, marca registrada.¹³⁶ Essa assinatura de Topcliffe dota-se de uma função notarial, uma marca autocongratatória de autenticidade tanto do livro quanto de seu relacionamento com Drake. Ele estava sempre em busca de manuscritos incriminatórios que pudesse usar contra seus inimigos. Após interrogar o marinheiro e contrabandista de livros William Randal (fl. 1592), na prisão de Gatehouse em Westminster, em 1592, Topcliffe preparou para Puckering um documento que detalhava “A disposição, condições, e feitos de W[illia]m Randall.”¹³⁷ Em uma seção que ele identificou como “As co[n]fissões de Miles Gerode & Dyckensons padres seminaristas executados em Chetam dentre os marinheiros,” ele alegou que Randall trouxe à Inglaterra “todos os jesuítas, padres seminaristas, traidores e fugitivos e seus livros, libelos [e] cartas insidiosas,” referindo-se aqui tanto a livros impressos quanto a manuscritos.¹³⁸

136 “Emongs other favors he bestowed this Iewell vpon mee: wch will indewer for ever, & his fayme Longe,” *A Biblia latina de 1541* (Biblia Sacra Iuxta Vulgatam quam Dicunt Aeditionem [Paris, 1541], Huntington Library, shelf mark 112999) é ilustrada e discutida em Sherman, 77-79 e na figura 19.

137 “The Disposition, Condycecons, and doinges of Wm Randall.” BL, Harley MS 6998, fols. 214r-215v: “The dispoition, Condycons, and doinges of Wm Randall an Englishe marryner & pylott, Borne in Waymowthe Now a presoner in the gaytehowse whiche I can proove vnder his owne hande bysydes that whiche is knowen to other men: hee beinge blowen in to the Westcuntree wth too Seamenary preestes goinge into Skottlande to practize treason Imediatly frome the kinge of Spaigne, & his Covnsell To the rebellioos Lordes ther abovt. 1592.”

138 “The co[n]fessyons of Miles Gerode & dyckensons Seamenary prstes Execvted at Chetam Emongs ye marryneres,” [...] “All Ihezewtes, Seamenary preestes, trators & fewgetyves, & there treasons Bookes, Lybells, [and] l[ette]res,” BL, Harley MS 6998, fol. 214r. Em uma carta de 26 de agosto de 1594 para Sir Robert Cecil, Topcliffe escreveu sobre Randall, mencionando sua conexão com William Allen e Persons. HH, Cecil Papers, 27/106.

Ele também se apossou de livros de suas vítimas nas prisões, que eram espaços permeáveis à época.¹³⁹ A cópia anotada por Topcliffe de *A treatise shewing the possibilitie* (1596), um livro sobre o sacramento do altar escrito pelo jesuíta Thomas Wright (c. 1561-1623), encontra-se em Ushaw College, em Durham. Topcliffe registra de maneira tentadora, em uma glosa na folha de rosto, que ele havia confiscado o livro na prisão de Newgate, em Londres. O livro contém uma impressão da Antuérpia, a qual, segundo Topcliffe, é “falsa pois foi escrita e impressa em Londres e tomada por mim em Newgate & em outros lugares papistas, muitas delas” (fig. 3).¹⁴⁰ A nota de Topcliffe corrobora o testemunho de um tal Thomas Dodwell (fl. 1584), que confessou que os padres seminaristas estavam se escondendo das autoridades na prisão de Marshalsea, juntamente com “seus livros em lugares tão secretos que quando é feita uma busca...nada se pode encontrar.”¹⁴¹ Ainda que Topcliffe de fato tenha confiscado “várias” cópias do livro de Wright “em Newgate & em outros lugares papistas,” fato é que outras cópias desse livro, contendo sua marginalia, ainda não foram descobertas. Contudo, a existência de esquemas aparentemente bem-sucedidos de distribuição de livros católicos, operando a partir de Newgate e outras prisões, subverte o tom confiante do relato de Topcliffe.

Pelo fato de Topcliffe comumente ter registrado onde havia encontrado os livros, bem como suas opiniões sobre a natureza do conteúdo que neles se encontrava, suas atividades trazem luz ao movimento de livros recuperados pelo governo, livros esses que podiam ir longe dentro da máquina administrativa do regime. Topcliffe registra, na folha de rosto de sua cópia do livro de Wright, que o havia entregado ao arquivista da rainha, Sir Henry Cook (fl. 1597-1603), e que o livro havia sido falsa e freneticamente escrito Por Thom[a]s Wright um padre Seminarista traidor”, a fim de “minar a Igreja de Cristo Estabelecida pelos últimos 40 anos.”¹⁴² Enquanto interrogava Robert Barnes, Topcliffe aparentemente lhe confiscou uma antologia escrita de documentos acerca de uma série de exorcismos realizados por padres católicos, em 1585-

139 WALSHAM e HAVENS (2014), pp. 140–41.

140 “Favlse & vntrewe for it was written & Imprynted in London & abovte London & tayken by mee in Newgait & in other popishe playcess Nvmbres of them” T. Wright, folha de rosto; STC 26043.5.

141 “Their books in such secret places that when any search is . . . they can find nothing.” TNA, SP 12/168, fols. 80r–83v, 84r–85v; quoted in HAVENS e PATTON (2017), p. 177.

142 “Falsely & frantikly written By Thom[a]s Whright a tratoroos Seamenary priest” in order “to vnde[rcut] the Chvrch of Chry[st] Established theis 40 yea[rs].” T. Wright, folha de rosto.

86, nas proximidades de Denham, Buckinghamshire.¹⁴³ O bispo Samuel Harsnett (c. 1561-1631), autor de *A declaration of egregious popish impostures* (1603), o livro em questão, sabia de tal confisco. Esse tal “livro de milagres” foi parar junto aos papéis da Corte Eclesiástica do Alto Comissariado e presume-se que tenha sido destruído com o resto do arquivo durante a Guerra Civil.¹⁴⁴ Aparentemente, Topcliffe também apreendeu uma cópia de *A conference about the next succession to the crowne of England* (1594), um tratado de controvérsia sobre a sucessão, por Persons e outros, publicado sob o pseudônimo R. Doleman.¹⁴⁵ De acordo com um relato escrito do discurso de Barnes durante seu julgamento, em 3 de julho de 1598, Topcliffe relatou no tribunal suas trocas com George Hethersall, o padre que Barnes havia sido acusado de abrigar. Topcliffe o havia prendido na prisão de Bridewell “por um livro de sucessão, em que ele colocaria o fantoche da Espanha como tendo direito à coroa de sua majestade.”¹⁴⁶ Topcliffe “investigou o livro” aqui e acolá, e perguntou a Barnes “se ele não conhecia o mesmo.”¹⁴⁷ Ele também obteve, de Southwell, uma cópia de seu livro *Humble supplication to her Maiestie* (1591), que teria sido entregue a Sir Francis Bacon (1561-1626).¹⁴⁸ Pode ser que Topcliffe tenha confiscado uma história não identificada sobre a missão jesuítica na Inglaterra, contendo sua marginalia e seus patíbulos desenhados à mão.¹⁴⁹

Topcliffe entendia como livros e documentos podiam ser caracterizados como evidência para estabelecer atividade criminoso e falaz. Depois de examinar o jesuíta John Gerard, ele o aterrorizou mostrando seu registro da conversa que

143 Em sua carta a Sir Robert Cecil, de 23 de julho de 1598, Barnes, escrevendo sobre sua captura por Topcliffe, reitera, “e no que concerne ao livro de exorcismos que ele apresentou, a verdade é esta, eu sendo católico há pouco tempo, escrevi uma cópia a pedido de um amigo, e não tendo me agradado dela, nunca mantive uma cópia comigo”: HH, Cecil Papers, 62/79, fols. 146r-v.

144 BROWNLOW (1993), p. 22.

145 ALLISON e ROGERS (1989-94), 2:167; STC 19398.

146 “for a Book of Succession, wherein he would have had the puppet of Spain to have had right unto her majesty’s crown.” DODD (1737-42), 3:cxcvii. O documento se encontra em Stonyhurst College, MS Anglia A II/41. Ver também QUESTIER, 247-48.

147 “Shewed forth the book” [...] “if [he] did not know the same.” DODD (1737-42), 3:cxcvii. O paradeiro desse livro e do seguinte, caso existam, continuam desconhecidos por mim.

148 Devo essa informação a Frank Brownlow. Ver também McCOOG (2017), p. 294.

149 Ver KERMODE (2004), p. 143: “A cópia de Topcliffe sobre a história da missão jesuítica ainda existe, com sua pomposa marginalia: ao lado do nome de um missionário seguem-se as palavras: ‘Eu o torturei’, ao lado do nome de alguém encontra-se uma figura de ser humano desenhada em um patíbulo.” Não consegui identificar esse livro em específico. Pode ser que Kermode estivesse se referindo ao Sander de Pollini, que não contém a glosa “Eu o torturei”, mas conta com exemplos de patíbulos desenhados à mão.



Figura 3: Thomas Wright, *A treatise, shewing the possibilitie, and conueniencie of the reall presence of our Sauour in the blessed Sacrament* (1596), folha de rosto. Ushaw College, Durham, XVIII .F.8.14. Usada com permissão da Biblioteca da Durham University e dos curadores de Ushaw College.

enviou a Puckering em 25 de janeiro de 1594 (fig.4); na margem dessa carta ele registra, “Os originais sua Senhoria: Enviará por mim para que eles não possam ser danificados.”¹⁵² Enquanto evidências que poderiam ser usadas sob os termos do estatuto de traição de 1571, esses materiais eram muito valiosos para serem enviados por via postal. Thomas Walpole também confessou ter recebido cartas, que foram encontradas “todas molhadas de chuva” diz Topcliffe na mesma carta; estas foram trazidas a York, onde Henry Hastings, terceiro Conde de Huntington (1536?-95) (o “lorde” mencionado acima),

tiveram. A promessa de Gerard de responder de forma escrita foi um truque, pois ele sabia que Topcliffe “estava esperando... conseguir uma amostra de minha caligrafia. Se ele a tivesse, provaria que certos papéis encontrados na busca pelas casas pertenciam a mim. Eu vi a armadilha e escrevi em uma caligrafia falsa.”¹⁵⁰ O exemplo do procedimento de Topcliffe, em York, contra os padres Henry (1558-95), e Thomas Walpole (b. 1567) e Edward Lingen (d. 1635), revela sua obsessão com documentos textuais, e como sua escrita lhes redirecionava para o uso do tribunal. Thomas Walpole ajudou Topcliffe a confiscar alguns papéis de seu irmão, Henry, incluindo escritos cifrados em pergaminho. Pequenos em tamanho e efêmeros em natureza, em dois deles lia-se “que no original destes está escrito um nome junto ao outro” e “esse junto ainda ao outro nome.”¹⁵¹ De acordo com a descrição de Topcliffe desse escrito, o emissário pode ganhar a confiança de um estranho ao produzir um meio pedaço de pergaminho apropriado e compatível. Recioso de perder os originais com um mensageiro, ele criou um simulacro de tais tiras, e as

150 “Was hoping . . . to get a sample of my handwriting. If he had this he could prove that certain papers found in the search of the houses belonged to me. I saw the trap and wrote in a feigned hand.” CARAMAN (1951), p. 69.

151 “Of the orig[in]all of this is wrytten a nayme torned wth the other” and “of this ioyned wth ye other another nayme.” TNA, SP 12/247, fol. 32r, tiras colocadas à margem.

152 “The very orygenalls his Lo: will Send by mee they bee not fitt to be hazardid.” TNA, SP 12/247, fol. 32v.

“saltando de alegria” por sua descoberta. Topcliffe conclui seu animado relato com uma descrição de sua leitura desse contrabando. “Diante de uma fogueira[,] sua senhoria [i.e. Hastings] & eu tão ternamente o depositamos”, diz ele, “de modo que descobrimos xxij cartas & direcionamentos que eram todos, e em todos aqueles xxij nenhum título se achou digno de culpa.”¹⁵³

Por toda a sua correspondência evidencia-se o uso que Topcliffe fazia de sua manícula para o benefício de terceiros. Sua carta de 7 de setembro de 1596, a Sir Robert Cecil, tratando de seu filho Charles, contém dezessete de suas manículas.¹⁵⁴ Em sua carta a Puckering, sobre Henry Walpole, Topcliffe escreve, “Lá também se encontra com o jesuíta um bracelete de ouro à moda *flacon* & por sobre a argola uma cifra ou marca de armas que indicará o emissor na Espanha ou nos Países Baixos;” além disso, ele havia desenhado uma manícula e anotado, em uma glosa marginal, “Este eu também trago a sua Majestade.”¹⁵⁵ Seu relato a Sir Robert Cecil, acerca das conexões de família e de patronagem do recusante Edmund Thurland (fl. 1595), parece responder a um pedido específico de Cecil por essa informação. O documento é datado de 12 de junho de 1565, e encontra-se, na caligrafia de Topcliffe, entre os papéis de Cecil em Hatfield House.¹⁵⁶ Topcliffe empregou uma manícula para identificar passagens em benefício de seus destinatários em cartas que havia escrito, bem como nos manuscritos e livros impressos que apreendeu.¹⁵⁷ Quando anotou a confissão de Henry Walpole, de 13 de junho de 1594, ele marcou nove passagens a serem enfatizadas com sua grande e reconhecível manícula.¹⁵⁸ Em 31 de agosto de 1590, Topcliffe e Young tomaram a confissão escrita de Richard Floyd, vulgo Lloyd (fl. 1590), um padre seminarista preso, e Topcliffe marcou cinco seções com uma manícula similar.¹⁵⁹ Quando invadiu as dependências do impressor Carter, em julho de 1582, Topcliffe confiscou

153 “Before a fyer[,] his Lordship [i.e., Hastings] & I so tenderly handelyd the same,” he says, “That wee vnfovldid xxij l[ett]res & dyrections wch were every One, & in All those xxij not One tyttill blemysid.” TNA, SP 12/247, fol. 32v. Ver também McCOOG (2012), pp. 154–57.

154 HH, Cecil Papers, 44/65.

155 “Ther also is fownde abovt the lhezewt A Bracelett of gowld Flagon fashyon & vpon the Loope a Cypher or mrke of Armes that will bewray the sender in Spaygne or in the lowe cuntrees” [...] “Theis I bringe vpp to her Maty also.” TNA, SP 12/247, fol. 33r. Segundo o Oxford English Dictionary (OED), “Flagon fashion” faz referência a um bracelete com corrente ao qual podia ser colocado um frasco perfumado (*flacon*, em francês). N.d.T.

156 HH, Cecil Papers, 32/94.

157 This use of the manicule also appears in Topcliffe’s 1601 request to Cecil for a commission to seek out recusants: HH, Cecil Papers, 90/2.

158 TNA, SP 12/249/12.

159 BL, Lansdowne MS 64, fols. 10r–v. On Young, see Kilroy, 369–70.

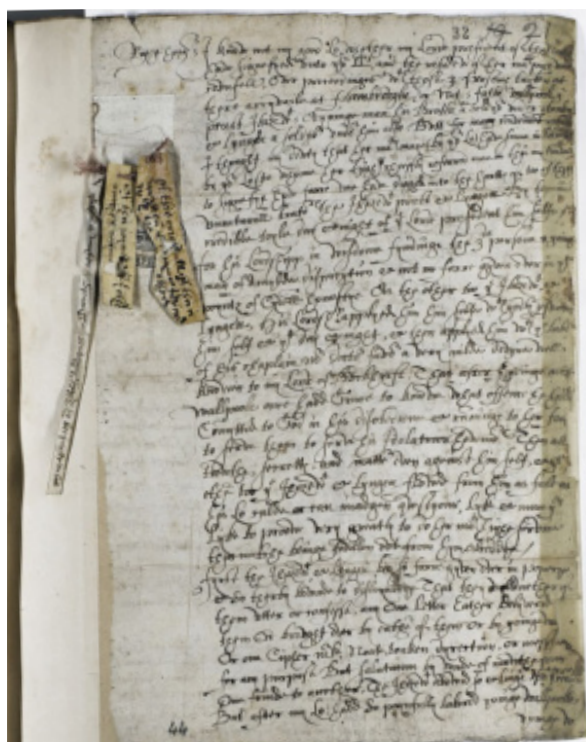


Figura 4: Richard Topcliffe, carta autógrafa para Sir John Puckering, com simulacros cifrados em pergaminho contendo texto na caligrafia de Topcliffe. 25 de janeiro de 1594. The National Archives do Reino Unido ref. SP 12/247, fol. 32r.

dois manuscritos que descreviam conferências ocorridas na Torre de Londres entre Campion e representantes do governo; um deles foi escrito pelo escriba Stephen Vallenger (1541-91).¹⁶⁰ Aqui, Topcliffe usou sua manícula para identificar passagens concernentes à natureza da igreja visível e às *adiaphora* (crenças não essenciais para a salvação), presumidamente para uso do governo no caso contra Carter.¹⁶¹ Esses manuscritos passaram de Topcliffe para John Foxe (c. 1516-87), o martirologista, possivelmente porque ele não mais os considerava como evidência criminal; Foxe havia intercedido junto ao Conselho Privado em favor de Campion.¹⁶²

O trabalho de Topcliffe contra padres católicos ocasionalmente lança luz à rede mais ampla de padres e seus apoiadores leigos, mantenedores de uma cultura religiosa sob perseguição. Suas anotações em um memorando de seis páginas, destinado a promover a execução de Robert Gray, é um caso a se analisar.¹⁶³ Sendo um antigo padre da época de Maria I (r. 1553-1558), e que havia permanecido na Inglaterra após a ascensão de Elizabeth, Gray havia servido como capelão de Anthony Browne, Visconde Montague (1528-92). O visconde, por sua vez, sustentava uma rede de clérigos contra os quais Topcliffe se voltou durante 1592-93.¹⁶⁴ Topcliffe era um dos destinatários de uma carta do Conselho Privado datada de 24 de junho de 1593, que lhe autorizava a revistar as propriedades de Montague em busca de quaisquer “cartas, papéis e escritos” suspeitos que pertencessem a Gray e a outros dentre seu séquito.¹⁶⁵ A marginalia identifica os apoiadores de Gray e empreende um ataque *ad hominem* (e.g. “ele se mostrou bastante obstinado”¹⁶⁶). Topcliffe assegura seu papel na

160 BL, Harley MS 422, fols. 136r-147v, 161r-167v. On the MS and its provenance, see Kilroy, 283-84.

161 BL, Harley MS 422, fols. 161r, 165v.

162 KILROY (2015), pp. 173-74, 284, 331, 361, 378.

163 TNA, SP 12/245/138: “The Substance of the Confessyons of Robart Graye Preest, And matter wherwth he may be Chardged: found In his first Confession the vith of August 1593 & in his Seconde Confessyon &c.” The document accompanies a confession of Gray’s.

164 QUESTIER (2006), p. 175.

165 QUESTIER (2006), p. 199; *Acts of the Privy Council*, 24:328-29.

166 “He shewed him self very obstinayte.” TNA, SP 12/245/138, fol. 1r.

captura de Gray e identifica, dentre os livros encontrados, uma obra que alegadamente encorajava a conformidade subversiva católica: “Após essas examinações Gray, o padre, fugiu da prisão durante a noite em Windsor, mas foi preso novamente por minha diligência: E depois de eu ter encontrado todos os seus livros papistas, relíquias, e lixo obscuro escondidos, dentre os quais havia um livro manuscrito guardado como uma bela jóia em que se via uma exortação: que católicos deveriam fingir e correr a nossos cultos & sermões como se fossem parlamentos e conselhos de heréticos, de modo que tinham o propósito e a intenção de destruir nossas leis: & muitos livros manuscritos maus: contrários à Igreja dos protestantes e o estado.”¹⁶⁷ Tudo indica que Topcliffe teria encontrado Gray em posse de uma cópia manuscrita de *Arguments to prove it lawful for a Roman Catholic to attend the Protestant service* (c. 1580), do padre Alban Langdale. Tal autor também integrava o círculo de Montague em Cowdray, Sussex, e sua obra, que desencorajava a não-conformidade, circulou apenas sob a forma manuscrita, tendo suscitado uma resposta hostil por parte de Persons, que não sobreviveu.¹⁶⁸ Além da declaração de Topcliffe nesse memorando, uma outra caligrafia identifica o livro em questão como sendo um manuscrito que Gray obteve diretamente de Langdale:¹⁶⁹ “esse livro ele disse ser de Dr Langdale & este examinador após a morte do doutor o tinha em Cowdray junto aos livros de dr Langals. era um livro manuscrito. mas este examinador do pouco que leu já sabia do que se tratava por meio do título, que era contra frequentar a igreja.”¹⁷⁰ A referência que Topcliffe faz a vários “Maus Livros escritos” indicam que ele sabia da circulação clandestina de manuscritos católicos, já que seu uso do adjetivo

167 “After theis Examons Gray ye preest did flye & breake preson in ye night at Windsor But was tayken agein by my diligeince: And after that I fownde all his popish booke[s], relycke[s], & lewde trashe hidden Emong[s] whiche Ther was a wrytten Booke kept for a great Iewell wherin was an Exortacyon: That Catholycks shoulde dessemble & runne to or Service & Sermons yea to bee of or parleamte[s] & ye Cownsell[s] of heretycks So it were of pvrpose & wth an intent to distroye or Lawes: & many wryten Badd Books: ageinst the Chvrche of ye protestants & ye stayt:.” TNA, SP 12/245/138, fol. 3v. Gray havia escapado de Topcliffe anteriormente em Buckinghamshire e Yorkshire; ver QUESTIER, p. 201.

168 WRIGHT (2004). A resposta de Persons não corresponde ao documento de Persons de 1580 (STC 19394), que encoraja a não-conformidade, mas sim a uma outra obra, agora perdida. Ver SOUTHERN, pp. 137-44.

169 Talvez a caligrafia seja de Sir Henry Brouncker, cujas iniciais aparecem abaixo dessa glosa e cuja assinatura completa se encontra na parte inferior da primeira página do documento.

170 “This boke he sayeth was Dr Langdales & this ex[aminent] after ye doctors deathe had it at cowdrie among dr Langals bokes. a written boke it was. but this ex[ami]nent red lease of yt but knew what it was for ye title of yt was against going to ye churche.” TNA, SP 12/245/138, fol. 3v.

escritos aponta para manuscritos.¹⁷¹ Caso o segundo anotador esteja correto em sua identificação dessa obra como uma cópia de *Arguments*, de Langdale, resta concluir que Topcliffe e seu anotador falharam em compreender as nuances do debate católico sobre essa questão.

Topcliffe e a Rainha Elizabeth I

A marginália de Topcliffe oferece um valioso tesouro de evidências que documentam, entre outras coisas, o movimento de livros católicos ilícitos, bem como sua detenção e confisco por parte do governo. A lista de seus destinatários é notável especialmente em suas ausências. Topcliffe raramente escreveu a bispos e outros eclesiásticos, correspondendo-se, na verdade, com oficiais seculares com quem ele havia desenvolvido uma relação profissional. Seus métodos não eram necessariamente representativos; até mesmo o próprio Burghley, ao escrever ao xerife de Buckinghamshire a respeito do recusante Thomas Palmer, em 1587, advertia a seu destinatário que “proibisse o confisco de seus livros [de Salmos], já que ele era pelas leis do Reino legalmente autorizado a usá-los,” pois Palmer “havia recebido esse livro, e por isso mesmo devo honestamente estudá-lo.”¹⁷² É ainda mais digno de nota, portanto, que Topcliffe afirme ter fornecido pelo menos um livro à própria rainha Elizabeth. Evidências disso encontram-se no mais proficuamente anotado dos volumes de Topcliffe, a saber, a segunda edição da adaptação, de Nicholas Sander, da obra de Girolamo Pollini, *De Origine ac Progressu Schismatis Angliani*, de 1594. Por preservarem as memórias de Topcliffe sobre sua carreira, esse livro e sua marginália reforçam a conexão entre suas leituras e a violência judicial do regime.

Em 13 de abril de 1582, Topcliffe invadiu, em Londres, uma casa próxima ao local onde livros de Persons haviam sido impressos secretamente.¹⁷³ Lá ele encontrou Thomas More de Barnborough (n.1531), neto de Thomas More, *lord chancellor* de Henrique VIII (r. 1509-1547), que não reconheceu a validade do casamento do rei com Ana Bolena. Topcliffe confiscou uma cópia manuscrita de uma biografia de More, feita por Nicholas Harpsfield (1519-75), antigo arcediogo de Canterbury. Agora mantido no Emmanuel College, em Cambri-

171 “Many wryten Badd Books” Cf. Oxford English Dictionary, s.v. “written,” adj. 1a.

172 “Forbeare to seise anie of his [Palmer’s] books, beinge such as by the lawes of the Realme he maie lawfullye use,” [...] “geven to his Booke, and for ought I have hard to honest studie.” *Huntington Library*, MS STT 194. I owe this reference to Rosemary O’Day.

173 Ver SOUTHERN, pp. 353-54, sobre a prensa católica secreta em Green Street House, East Ham.

dge, esse livro contém a seguinte nota em sua folha de guarda, na caligrafia de Topcliffe: “Esse livro foi encontrado por Rich: Topclyff no estúdio de Mr Tho: Moare junto com outros livros em Greenstreet Mr Wayfarers onde Mr Moore foi apreendido: dia xiiij de abril de 1582.”¹⁷⁴ O confisco desse manuscrito de Harpsfield conecta Topcliffe a William Carter, que era amanuense de Harpsfield, e cujas posses Topcliffe apreendeu em julho de 1582. Carter ficou com *Nachlass*, um manuscrito não publicado de Harpsfield, após a morte do autor, em 1575. Além disso, ele também operou um *scriptorium* para a transcrição de manuscritos católicos, possivelmente sob a patronagem de John, Lord Lumney (c. 1533-1609).¹⁷⁵ Tais escritos incluem obras históricas de controvérsia escritas por Harpsfield durante o reinado anterior.¹⁷⁶

O interesse de Topcliffe em Carter e sua casa simbolizava sua tentativa de negar a conexão entre a resistência católica a Henrique VIII, a retomada do catolicismo com Maria I, e a oposição católica a Elizabeth. Carter estendeu os dois mundos justapostos de impressão e escrita, livraria e *scriptorium*. Carter unia More, via Harpsfield, ao catolicismo do reinado de Maria I, visto que, como bem demonstrou Eamon Duffy, os escritos de Harpsfield eram fundamentais para articular a visão de renovação religiosa do governo de Maria I.¹⁷⁷ A ameaça católica de então, simbolizada por Campion, passava por Carter porque ele tinha em mãos os relatos manuscritos dos interrogatórios, ocorridos na Torre de Londres, entre Campion e representantes do regime; tais documentos Topcliffe marcou e anotou antes de enviá-los a Foxe. Carter, assim, unia o presente e o passado, e essa união ajuda a explicar por que Topcliffe direcionava tais ataques, tantos anos depois, contra Carter, em sua cópia de Sander, adaptada por Pollini. Topcliffe também teria anotado tal cópia durante seu breve aprisionamento em 1595, como forma de se lembrar de seu próprio valor para o regime.¹⁷⁸

T.A. Birrell já identificou títulos, provenientes do estoque de Carter, dos quais ele havia feito cópias a pedido de clientes e mecenas. Dentre eles, tem-se manuscritos de *Treatise on the pretended divorce* e *Cranmer's recantacions*, de Harpsfield, ambos escritos durante os anos 1550. Idealizado como um apêndice à biografia de More, escrita por Harpsfield, *Pretended divorce* aborda

174 “This booke was fovnde by Rich: Topclyff in Mr Tho: Moare studdye emongs other books at Greenstreet Mr Wayfarers hovse wher Mr Moare was apprhended: the xiiijth of Aprll 1582.” *Emmanuel College, University of Cambridge*, MS 76, folha de guarda anterior. Ver HITCHCOCK (1932), pp. xiii–xv.

175 BIRRELL (2006), pp. 23–25, 37–40.

176 DUFFY (2009), pp. 181–86.

177 DUFFY (2009), pp. 181–86.

178 Sobre a prisão de Topcliffe, ver RICHARDSON (2004).

o divórcio de Henrique VIII e Catarina de Aragão (1485-1536), enquanto *Recantacions* trata do julgamento sobre heresia de Thomas Cranmer, arcebispo de Canterbury (1489-1556). A cópia manuscrita confiscada da segunda obra agora reside na *Bibliothèque nationale* em Paris, provavelmente levada para a França por uma embaixada.¹⁷⁹ Um registro posterior de livros apreendidos de Carter aparece em um memorando escrito acerca do confisco, escrito por Thomas Norton, o advogado de acusação no julgamento de Carter, e que co-escreveu *Gorboduc* (1561), a primeira tragédia de Sêneca traduzida do inglês em verso livre.¹⁸⁰ Norton foi comissionado a interrogar prisioneiros católicos de 1578 a 1583, e foi descrito por Persons como um “Mestre da tortura.”¹⁸¹ Atualmente preservado na *British Library*, esse memorando foi provavelmente trazido para o julgamento de Carter, pois o menciona como o impressor de *Treatise of schisme* (1578), de Martin.¹⁸² Norton fornece títulos de todo o baú confiscado de Carter e, segundo ele, Harpsfield “retirou vários livros, dos quais diversos encontram-se em posse de William Carter impressor e seu servo, que Carter afirmou que os mesmos eram de Harpsfield.”¹⁸³ Supõe-se que Carter “teria mantido a intenção de seu senhor de publicar” esses livros, “e enquanto isso distribuí-los por cópias manuscritas.”¹⁸⁴ Além do manuscrito de *Pretended divorce*, essa lista adiciona outras obras, dentre as quais Vida de More, de Harpsfield e uma cópia impressa de seu *Dialogi Sex* (Seis diálogos, 1566); além de uma miscelânea latina e “um longo tratado”, em inglês, “propositalmente feito para difamar o casamento da mãe de sua majestade como ilegal e incestuoso.”¹⁸⁵ Norton não menciona Topcliffe nesse documento, mas, além da cópia que Topcliffe tinha de *Cranmer’s recantacions*, a *Bibliothèque nationale* preserva um manuscrito que creio ser o tal “longo tratado” da lista de Norton. Topcliffe fez anotações no manuscrito, descre-

179 BIRRELL (2006), p. 38. *Acerca de Treatise on the pretended divorce*, ver HARPSFIELD (1878). Sobre as recantações de Cranmer, ver HARPSFIELD (1877-84). O prefácio de Gairdner a essa edição reporta que o manuscrito das recantações de Cranmer continha uma inscrição, “Este livro foi encontrado em minha casa dentre os escritos de doctour Harpsfeldes. Will’m Carter”: HARPSFIELD (1877-84), v; *Bibliothèque nationale*, MS 6056.

180 BL, *Additional MS* 48,029, fols. 58r-59v.

181 “Rackmaister.” PERSONS (1582), p. 8 (STC 19401; ALISSON e ROGERS (1989-94), 2:624. William Charke defende Norton em CHARKE (1586), pp. 28-29 (STC 5009). Devo essa referência a Earle Havens.

182 BL, *Additional MS* 48,029, fol. 59v; *Catalogue of Additions to the Manuscripts*, 133.

183 “Did p[re]sently drawe him selfe sondrie bokes, whereof diuers are found in possession of William Carter printer his late seruante, wch Carter affirmeth that the same were Harpsfeildes bokes.” BL, *Additional MS* 48,029, fol. 58v.

184 “So is thought to haue kept his mars purpose to publish” these books, “and in the meane time to spred them by written Copies.” BL, *Additional MS* 48,029, fol. 58v.

185 “A long treatice,” in English, “purposely made to deface the marriage of hir matie[s] mother as vnlawfull and incestuous.” BL, *Additional MS* 48,029, fols. 58v-59r.

vendo-o como uma “Vita” de Henrique VIII; e o próprio Carter registrou-o como tendo sido confiscado de sua casa.¹⁸⁶ Essa coincidência sugere, por sua vez, que Norton e Topcliffe trabalharam em conjunto no relatório sobre o confisco dos materiais de Carter. Além disso, alguns manuscritos existentes de *Pretended divorce* testificam essa mesma apreensão, ao incluir o seguinte comentário, ou variações dele, entre suas páginas preliminares: “Esta Cópia foi retirada do original, encontrado por Mr Topcliffe na casa de William, por algum tempo servo do dito Doutor Nicholas Harpsfield que confessou que duas folhas do original eram da caligrafia desse mesmo Mestre.”¹⁸⁷ Topcliffe deve ter recuperado esses manuscritos relativos a Henrique VIII do próprio Carter, juntamente com *Treatise of schisme*, de Martin, já que as cópias disponíveis dão testemunho de seu envolvimento em tal confisco.

A marginalia de Topcliffe no livro de Pollini contém novas evidências do destino de alguns dos livros que ele havia apreendido de Carter. Ela ainda aponta diretamente para sua leitura de livros católicos de forma simultânea a da Rainha Elizabeth, e quiçá em sua presença. De todas as conexões de Topcliffe dentro do regime, a mais importante era sua relação com a rainha, que sabia de suas atividades e as aprovava.¹⁸⁸ Convinha, portanto, que ela fosse contada junto aos destinatários dos livros lidos por ele. Topcliffe afirma ter enviado a Elizabeth pelo menos um dos livros que apreendeu de Carter, e a natureza meticulosa da marginalia registra seu desejo de documentar, precisamente, a maneira como sua leitura dava suporte ao regime e calava seus inimigos. Em sua glosa característica na folha de rosto, Topcliffe afirma que os conteúdos do livro de Sander provinham dos escritos de Harpsfield, retirados de Carter: “Este Livro foi [elaborado por] ... traidores Especialmente do livro de... Harpsfield o Civil,” diz Topcliffe, “que era um dos Capelães do bispo Bonner ... e um Inimigo odioso da Rainha Elizabeth, que o Livro do doutor Harpsfield eu [retirei] de Carter em que, é mencionado um traidor

186 *Bibliothèque nationale*, Latin MS 6051, fol. 1r: “Este livro foi encontrado em minha casa dentre os escritos de doctor Ha [rpsfields]. Will[ia]m Carter”; fol. 28v, na caligrafia de Topcliffe: “Vita he[n]rici. 8 encontrada na casa de Will[ia]m Carters 17 de Julho. 1582. A marginalia de Topcliffe aparece nesse manuscrito nos fólhos 2r, 4v, 7r, 7v, 8r, 9v, 10v, e 11r–v. Para uma edição moderna, ver BÉMONT (1917).

187 “This Coppie was taken from the originall, which was found by Mr Toplyffe in the house of William, sometyme seruant to the said Doctor Nicholas Harpesfeild who confessed that two leaues of the said originall, were of his said Masters owne hand writinge.” *New College, University of Oxford*, MS 311A, fol. 322r. Eu identifiquei seis manuscritos antigos de *Pretended divorce*, ou extratos dele. Dos quatro que sei serem completos (BL, Additional MS 33, 737; BL, Additional MS 48,066 [anteriormente MS Yelverton 72]; e New College, University of Oxford, MSS 311A–B), somente BL, Additional MS 48,066 não contém essa inscrição. Ver também HARPSFIELD (1932), pp. cciv–ccv.

188 BROWNLOW (2003), pp. 162–66.

ao Final desse Livro.”¹⁸⁹ A manícula característica de Topcliffe acentua esse ponto. Seguindo-se sua instrução de ir até o final do livro, encontra-se o índice de Pollini, em que, ao lado de uma nota de Carter, Topcliffe fornece mais detalhes que justificam a execução de Carter por traição: “Eu o levei e ele foi Executado por publicar & vender diversos Livros insidiosos, dentre os quais estava o livro de doutor Nicolas Harpsfield, do qual ele vendeu uma cópia escrita por xxli a Cópia/ & em uma dessas cópias escritas enviadas ao traidor cardeal Allen essa falsa & insidiosa história foi compilada & escrita: & aquele mesmo livro original escrito pelo doutor Nicolas Harpsfield eu encontrei nessa [...] custódia de Carter, que S M viu, & leu, & sua alteza mandou que eu o retivesse, o que fiz para o serviço de sua majestade: Ric: Topcliffe;”¹⁹⁰ O confisco violento da propriedade de Carter, e sua subsequente execução, servem de prelúdio à leitura e à escrita comemorativa de Topcliffe, assim como sua narração em primeira pessoa oferece uma forma de testemunho ao documentar sua participação no desvelamento de evidências criminais.

Nesse relato, Topcliffe apresenta a afirmação, improvável, de que Sander ou Pollini teriam tido acesso a cópias dos manuscritos de Harpsfield, retirados de Carter. Se esse for o caso, Sander deve tê-los obtido na Espanha na década de 1570, enquanto esboçava seu *De Origine ac Progressu Schismatis Anglicani*, obra na qual se baseia a *História* de Pollini. Depois da morte de Sander, esse livro foi postumamente expandido pelo padre seminarista Edward Rishton (1550-85), revisado por Persons e Allen, e depois traduzido e adaptado por Pollini.¹⁹¹ Cópias de uma ou mais obras históricas de Harpsfield chegaram a Sander no exílio; seu *De Origine* deve ter circulado sob a forma manuscrita porque Rishton, no prefácio à sua edição da obra, em 1585, informa que cópias

189 “Thys Booke was [devized by] . . . trators Cheefly ovt of . . . harpesfild y e Civilian ^booke,” Topcliffe says, “who was one of Bishope Bonners Chapleynes . . . & a haytfull Enemy to Qveene Elyzabeth, wch Booke of doctor harpesfild I [took] from wm Carter there . . . a trator mencyned in ye Ende of this Booke” A nota é difícil de ler completamente por conta de rasgos e cortes. SANDER (1594), folha de rosto.

190 “I did taik him & hee was Execvted for his pvblishinge & Sellinge divers tratorroos Books, Emongs whiche was doctor Nicolas harppesfilds Booke, of wch he solde written Copys for xxli a Coppye / & owt of one of theis written Coppyes Sentt To the trator Cardenall Allen This false & tratorroos historye [i.e., the Pollini Sander] was Compiled & written: & That same Orygenall written Booke By doctor Nicolas harppesfild I did fynde in this wm Carters Cvstodye, whiche the Qs Maty hathe Seene, & hathe Redde of, & her highnes did Co[m]mavnde mee to keepe, whiche I have Extant still for her mates service: Ric: Topclyffe.” SANDER (1594), Dddlr. Pelo que sei, a ideia de que Carter trabalhou por £20 a cópia não pode ser corroborada de forma independente.

191 Sobre a edição póstuma do livro de Sander, ver DOMINGUEZ (2011), pp., 27-164; HOULISTON (2011).

poderiam ser encontradas tanto na Itália quanto na Espanha.¹⁹² Os canais de comunicação que uniam padres seminaristas do continente e as cortes reais da Europa católica aos católicos que permaneceram nas Ilhas Britânicas, por sua vez, ainda carecem de investigação. Carter confessou sob tortura ter impresso *Treatise of shisme*, de Martin, e empregado uma falsa imprensa identificando o impressor como sendo John Fowler, então exilado, e que produziu edições de textos católicos nos Países Baixos, durante as décadas de 1560 e 1570. Pouco ainda se sabe sobre os elementos governamentais e de espionagem que circundavam e sustentavam essas redes internacionais. Contudo, era muito provável que Topcliffe não soubesse dessas cópias manuscritas de Sander em específico, por isso sua glosa era mais provavelmente motivada por seu ódio aos católicos ingleses.¹⁹³

Dentre as obras que Topcliffe trazia à rainha, as que melhor correspondem aos escritos de Harpsfield são “*Vita he[n]rici 8*”, ou *Pretended divorce*, que compartilham entre si a visão hostil de Sander sobre a história da Inglaterra de Henrique VIII; em outra parte dessa cópia de Sander, Topcliffe identifica esse livro de Carter como “uma crônica ou história escrita (Por doutor Nicolas Harpsfield o Civil,”¹⁹⁴ que aponta mais para a “Vita.” Essa interpretação é corroborada pelo registro do próprio Topcliffe, no mesmo lugar, de que essa cópia “Existe sob a própria mão de Carter” e “para ser mantido sob comando da rainha.”¹⁹⁵ Pode ser que Topcliffe esteja se referindo à cópia anotada, agora presente na *Bibliothèque nationale*, da “Vita” de Henrique VIII, a qual Carter havia de fato assinado. Em ambos os casos, Topcliffe afirma nas duas notas de Pollini que ele havia enviado essa obra de Harpsfield diretamente para a rainha, que a leu e devolveu para que Topcliffe a guardasse.

Os materiais de Sander e de Harpsfield teriam enfurecido tanto Topcliffe quanto Elizabeth. A conclusão de *Pretended divorce* chega a divertir o leitor com anedotas sensacionalistas sobre a tirania do pai da rainha, sobre sua fraudulência, sua bestialidade, sua corpulência, descrevendo-o, por exemplo, como “*Charibdis* e *Sulla* glutões e insaciáveis,” monstros da Odisseia de

192 SANDER (1582), 22r: “especialmente uma certa obra proeminente sobre as origens e o progresso do Cisma Anglicano, da qual algumas cópias (embora muito poucas) existem em manuscrito, tanto na Itália quanto na Espanha.” ALLISON e ROGERS (1989-94), pp. 1: 972.

193 Uma versão similar da glosa aparece em SANDER (1594), Dd4r.

194 “A writte[n] Cronicle or history (By doctr Nicolas harpesfild ye Cyvilian,” SANDER (1594) Tt5v.

195 “Vnder harpesfilds, & Carter[s] ovne hande, Extant” and is “By ye Qs mats Commement to Keepe.” SANDER (1594) Tt5v.

Homero.¹⁹⁶ Dentre outras acusações, a “Vita” descreve Henrique VIII como “Grande Capitão Barriga”.¹⁹⁷ A extraordinária manícula de Topcliffe, que atravessa toda a página, revela que ele dispensou aguda sensibilidade a esse tipo de material. Tal manícula aponta para a seção em que Sander afirma que Henrique VIII, havia adotado Ana Bolena e, assim, cometido incesto (fig.5). A marginália dispersa de Topcliffe, bem como sua larga manícula, diminui definitivamente a plausibilidade dessa alegação hostil, ao contra-atacar, em uma glosa adjacente, por meio da defesa de seu próprio avô (e, por extensão, dele mesmo), como tendo sido alguém que protegeu a dinastia Tudor: “Thomas: 1: Lorde Bvrghe meu Avô (Sendo lorde camareiro) abertamente o declarou Um vilão na Corte,” diz Topcliffe, “(quando sua Rainha foi enviada à Torre) & derrubou sua Luva Entre tais Senhores e Nobres, “tendo (por causa do papismo) falado contra sua Fama, de quem ele havia sido Lorde camareiro: & pela mesma razão ele foi ameaçado de ser enviado à torre de Londres: cuja infâmia era de tal modo falada a respeito da piedosa Rainha Ana como está impresso aqui.”¹⁹⁸ Na nota seguinte, Topcliffe cede à ficção de que o livro que tem de Harpsfield havia sido conjuntamente escrito por seus inimigos nas prisões de Marshalsea e Fleet, em Londres. Tais inimigos ele identifica como Sir Thomas Fitzherbert; Edmund Bonner, bispo de Londres (d.1569); Sander, e Harpsfield.¹⁹⁹ A nota é jocosa: Harpsfield havia sido preso em Fleet, e Bonner em Marshalsea, porém Sander e Fitzherbert eram exilados, o que lhes tornaria difícil participar de tal colaboração. Essa atribuição revela o método de Topcliffe de atribuir culpa por associação, e demonstra os tipos de pessoas que, cria ele, sua leitura ajudava a destruir.²⁰⁰

196 HARPSFIELD (1878), p. 287. N.d.T.: “Charibdis e Sulla” é uma referência da mitologia grega à escolha entre o melhor de dois males.

197 “Grand Captaine Paunch.” Cito a partir de uma tradução inglesa contemporânea: BL Sloane MS 2495, fol. 53r.

198 “Thomas: 1: Lorde Bvrghe my Grandefather (Beinge lorde Chamberlayne) did ope[n]lye pronovnce him A villayn in ye Coorte,” Topcliffe says, “(when his Qyeene was sent to ye Tower) & did ^Cast dovne his Gloove Emong svtch Gentilmen & Noble men, As did (for popery) speake agenst her Fayme, To whome hee hadd beene Lorde Chamberlayne: & for ye sayme hee was threatened to bee Sent to ye tower of London: wch Infamy was to Lyke Effect spoaken of yt godly Qen Ane As here is printed.” SANDER (1594) b3r.

199 “O rebelde traidor doctor Nicolas harpsfild, Sr Thomas fitzharbert: knt: doctor Bonner Bis. de Londres, doctor Sanders, que compilaram juntos a história inglesa que tenho aqui, escrita por doctor harpesfild quando estavam juntos presos em fleet & Marshallsee: IAo :1: & 2: Elyza [linha perdida]”: SANDER (1594), p. b3r.

200 E.g, sobre a supostamente escandalosa paternidade de William Allen, ver SANDER (1594), 43r, 44v, F6v, N1r, N2r, Eee4r; sobre a presumida autoria colaborativa de Harpsfield, ver SANDER (1594) 44v, B3v (que expande a lista de colaboradores de modo a incluir John Feckenham, abade de Westminster [ca. 1510-84]; Thomas Watson, bispo deposto de Lincoln [1513-84]; e o jesuíta William Weston [1550-1615]), B4r, Tt5v.

Conclusão

Sendo um leitor profissional, Richard Topcliffe era um burro de carga para o regime elisabetano, e sua marginália oferece um vislumbre, raro e focado, da postura do governo em relação à cultura religiosa católica, sob perseguição. O deão de Exeter, Matthew Sutcliffe, descreveu Topcliffe como “mais austero e honesto que o inquisidor chefe de Roma com todos os seus robes escarlates,” e tal opinião deve ter sido não só dele, mesmo que por vezes os superiores de Topcliffe, beneficiários de seu trabalho, se opusessem a ele e nem sempre fossem muito efusivos em seus elogios.²⁰¹ O regime precisava de Topcliffe e sua leitura a fim de revestir sua própria tirania com um retalho de legitimidade. Por esse motivo, para Topcliffe, identificar e localizar livros e manuscritos subversivos era quase tão importante quanto descobrir corpos, ou até mais importante.

Ao descrever o encontro de Topcliffe com a propaganda católica, meu intento não foi demonstrar que títulos específicos eram vistos como matéria de controvérsia de formas anteriormente desconhecidas; os estudiosos há muito tempo sabem que obras como *Treatise of schisme*, de Martin, ou os “Motivos” de Bristol, provocaram a indignação do regime. Na verdade, a marginália de Topcliffe faz lançar nova luz aos trabalhos burocráticos do governo enquanto se movia contra livros católicos, seus donos e leitores. A relação entre leitura e tortura era compreendida pelos leitores da era Tudor,²⁰² mas o tratamento de Topcliffe às margens a intensificou de forma considerável. Sua pena e o rastro de sua tinta púrpura transpassaram as margens de numerosas folhas em pelo menos um livro, talvez como substitutos dos corpos que ele desejava destruir.²⁰³ A marginália, e quiçá a própria pena, foram violentamente associadas nas mãos de Topcliffe.²⁰⁴ Ao identificar o tratamento que Topcliffe conferia a livros e documentos católicos, esboçando como seus destinatários

201 SUTCLIFFE (1604), p. 325 (STC 23465), respondendo a Persons, 1602, fol. 7r (STC 19418; ALISSON e ROGERS, 2:640).

202 Ver, e.g., ASKEW (1996).

203 SHERMAN (2008), pp. xvii, xx.

204 Um exemplo relacionado diz respeito à iconografia de estudantes assassinando Cassiano de Imola, o bispo de Brescia do século XIV, com pontos. Na edição de 1570 de seu celebrado *Actes and Monuments*, John Foxe acrescentou uma grande xilogravura de 3 páginas de extensão, intitulada “Uma Tabela das X. primeiras Perseguições da Igreja Primitiva” (reproduzida em www.johnfoxe.org). Ela inclui, dentre outras cenas de tortura, uma imagem dessa cena. A tradição medieval pode ser vislumbrada nessa ilustração de um manuscrito de *Peristephanon* 9 de Prudentius: <http://www.e-codices.unifr.ch/de/bbb/0264/121/o/Sequence-33>.

os liam, e o que faziam com sua leitura, essa investigação abre as portas para que estudiosos identifiquem outros livros anotados por ele. A presença desses marginalias em tantos livros, cujas descrições catalográficas não descrevem as marcas de Topcliffe, também sugere a necessidade de se repensar as assunções e premissas sobre as quais termos aparentemente simples, como arquivo, biblioteca, e registro histórico, têm sido definidos, até mesmo na atual era digital.

Em vez de ver Topcliffe simplesmente como um torturador que lia livros, ele deve ser compreendido como um leitor profissional cujas responsabilidades oficiais também incluíam a tortura de católicos. Ele alavancou sua leitura orientada a uma carreira própria na Inglaterra elisabetana. Sua marginália pinta um retrato intelectual de alguém que dispunha de conhecimento suficiente para servir ao maquinário legal do regime - não de um pensador sofisticado levado por qualquer traço de imaginação, mas um homem brutalmente inteligente que aparentemente se via como o leal súdito da rainha, afinal. O desgosto pela natureza do trabalho de Topcliffe impediu que gerações anteriores de estudiosos compreendessem as formas pelas quais leitura e tortura podiam ser como uma mão na luva durante esse período; porém a leitura persecutória de Topcliffe acomodava sua tortura de modo assombroso, especialmente porque ele não tinha pudor em deixar rastros escritos de seus intentos sanguinários. Os pesquisadores são obrigados a relegar a segundo plano as ações e feitos de Topcliffe, na busca de conhecimento sobre a influência de livros católicos e, particularmente, sobre as maneiras específicas nas quais o regime colocou esses livros contra seus produtores.

A marginália sem paralelo de Topcliffe exige que os estudiosos se perguntem de que modo o governo de Elizabeth lia esses livros. A resposta é que membros do regime usavam os livros para reforçar as definições de traição que eles mesmos codificavam, e confiavam nas leituras de Topcliffe para ajudá-los nisso. Da prensa ilegal de Carter à pena de Topcliffe, à Rainha Elizabeth, até seus oficiais, livros católicos se moviam dentro e fora de uma rede clandestina de leitura, cópia e distribuição. Escritos ilícitos como os de Carter disseminavam livros controversos debaixo do nariz dessas autoridades. Os próprios membros do regime não tinham o tempo necessário para localizar, ler e agir em relação a essa explosão de livros. A resposta deles a essa dificuldade, portanto, era usar Topcliffe para que lesse para eles, e seus vestígios escritos revelam as formas como o governo elisabetano lia as obras de suas vítimas antes de puni-las.

Fontes Arquivísticas e Manuscrita

Beinecke Library, New Haven, CT, Osborn MS a18. “A Consolatorye l[ett]re to a trator Neare y e Gallowes fownde at Bellamyas at vxenden” and “peers plowghman hys answer to the doctours Interrogatoryes.”

Bibliothèque nationale, Paris, Latin MS 6051. Vita Henry VIII.

Bibliothèque nationale, Paris, MS 6056. Cranmer’s recantacyons.

British Library (BL), Londres, Additional MS 33,737. Harpsfield, Nicholas.

Pretended divorce.

BL, Additional MS 48,029.

BL, Additional MS 48,066. Harpsfield, Nicholas. Pretended divorce.

BL, Harley MS 422.

BL, Harley MS 1551.

BL, Harley MS 6998.

BL, Lansdowne MS 33.

BL, Lansdowne MS 35/26.

BL, Lansdowne MS 42.

BL, Lansdowne MS 64.

BL, Sloane MS 2495. “The life of kinge Henrie the 8th.”

Emmanuel College, University of Cambridge, MS 76. Harpsfield, Nicholas.

The life and death of Sr Thomas Moore, knight.

Hatfield House (HH), Hatfield, Cecil Papers, 27/106.

HH, Cecil Papers, 32/94.

HH, Cecil Papers, 44/65.

HH, Cecil Papers, 51/107.

HH, Cecil Papers, 62/79.

HH, Cecil Papers, 86/88.

HH, Cecil Papers, 90/2.

Huntington Library, San Marino, CA, MS STT 194.

The National Archives (TNA), Kew, State Papers (SP) 12/152.

TNA, SP 12/168.

TNA, SP 12/173.

TNA, SP 12/178.

TNA, SP 12/206.

TNA, SP 12/235.

TNA, SP 12/244.

TNA, SP 12/245.

TNA, SP 12/247.

TNA, SP 12/249.

TNA, SP 12/268.

New College, University of Oxford, MS 311A. Harpsfield, Nicholas. Pretended divorce.

New College, University of Oxford, MS 311B. Harpsfield, Nicholas. Pretended divorce.

Stonyhurst College, Stonyhurst, MS Anglia A II/41.

Referências

Acts of the Privy Council. Ed. J. R. DASENT. 32 vols. Londres: Stationery Office, 1890–1907.

ADAMS, Thomas R.; BARKER, Nicolas. “A New Model for the Study of the Book.” In: *A Potencie of Life: Books in Society. The Clark Lectures, 1986–87*, ed. Nicolas Barker, 5–43. Londres: British Library, 1993.

ALFIELD, Thomas. *A true reporte of the death and martyrdome of M. Campion Iesuiste and preiste, and M. Sherwin, and M. Bryan preistes, at Tiborne*. Londres: Richard Verstegan, 1582. STC 4537.

ALLEN, William. *Uma defesa verdadeira, sincera e modesta dos católicos ingleses*. Rouen: Robert Persons, 1584a. Biblioteca da Universidade de Cambridge, cota F*.15.24.

ALLEN, William. *A true, sincere, and modest defense of English Catholiques*. Rouen: Robert Persons, 1584b. Emmanuel College, Universidade de Cambridge, cota S.13.4.47.

ALLEN, William. *A true, sincere, and modest defense of English Catholiques*. Rouen: Robert Persons, 1584c. Ushaw College, Durham, cota XVIII.G.7.25.

ALLEN, William. *A true, sincere, and modest defense of English Catholiques*. Rouen: Robert Persons, 1584d. Biblioteca Bodleian, Universidade de Oxford, cota 8° K 12(3) Th.

ALLEN, William. *A true, sincere, and modest defense of English Catholiques*. Rouen: Robert Persons, 1584e. Biblioteca Bodleian, Universidade de Oxford, cota Tanner 651.

ALLEN, William. *A true, sincere, and modest defense of English Catholiques*. Rouen: Robert Persons, 1584f. Huntington Library, San Marino, CA, cota 60060.

ALLISON, A. F.; ROGERS, D. M. (eds.). *The Contemporary Printed Literature of the English Counter-Reformation*. 2 vols. Aldershot: Scolar Press, 1989–94. Arblaster, Paul. *Antwerp and the World: Richard Verstegan and the International Culture of Catholic Reformation*. Leuven: Leuven University Press, 2004.

ASKEW, Anne. *The Examinations of Anne Askew*. Ed. Elaine V. Beilin. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BELA, Teresa; CALMA, Clarinda; e RZEGOCKA, Jolanta (eds.). *Publishing*

Subversive Texts in Elizabethan England and the Polish-Lithuanian Commonwealth. Leiden: Brill, 2016.

BÉMONT, Charles, ed. *Le premier divorce de Henri VIII, fragment d'une chronique anonyme en Latin*. Paris: Bib. de l'École des Hautes Études, 1917.

BIRREL, T. A. "William Carter (c. 1549–84): Recusant Printer, Publisher, Binder, Stationer, Scribe—and Martyr." *Recusant History*, v. 28, n. 1, 2006, p. 22–42.

BLACK, Joseph L., ed. *Private Libraries in Renaissance England: A Collection and Catalogue of Tudor and Early Stuart Book-Lists*. Volume VIII: PLRE 167–260. Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2014.

BRISTOW, Richard. *A briefe treatise of diuerse plaine and sure wayes to finde out the truthe in this . . . time of heresie: conteyning sundry worthy motiues vnto the Catholike faith*. Antuérpia, 1574.

BROWN, Nancy Pollard. "Paperchase: The Dissemination of Catholic Texts in Elizabethan England." In *English Manuscript Studies, 1100–1700*, Vol. 1, ed. Peter Beal and Jeremy Griffiths, 120–43. Oxford: Blackwell, 1989.

BROWNLO, Frank. *Shakespeare, Harsnett, and the Devils of Denham*. Newark, DE: University of Delaware Press, 1993.

BROWNLO, Frank. "Richard Topcliffe: Elizabeth's Enforcer and the Representation of Power in *King Lear*." In *Theatre and Religion: Lancastrian Shakespeare*, ed. Richard Dutton, Alison Findlay, and Richard Wilson, 161–78. Manchester: Manchester University Press, 2003.

Calendar of Patent Rolls 35 Elizabeth I, part I to part X (C 66/1395–1404). Ed. Christine Leighton. Kew: List and Index Society, Public Record Office, 2000.

Calendar of Patent Rolls 36 Elizabeth I (1593–1594) C 66/1405–1424. Ed. Simon R. Neal. Kew: List and Index Society, Public Record Office, 2005.

Calendar of Patent Rolls 37 Elizabeth I (1594–1595), Part 1 (Calendar), C 66/1425–1442. Ed. Simon R. Neal and Christine Leighton. Kew: List and Index Society, Public Record Office, 2006.

CAMPION, Edmund. *Rationes Decem*. Henley-on-Thames, 1581.

CAMPION, Edmund. *Two Bokes of the Histories of Ireland*. Ed. A. F. Vossen. Assen: Van Gorcum, 1963.

Caraman, Philip, trans. John Gerard: *The Autobiography of an Elizabethan*. London: Longmans, Green and Co., 1951.

Catalogue of Additions to the Manuscripts 1951–1955, Part 1: Descriptions. Londres: British Library, 1982.

A Catalogue of the Lansdowne Manuscripts in the British Museum. 2 vols. Londres: 1812–19.

CAVALIERI, Giovanni Battista. *Ecclesiae Anglicanae Trophaea*. Roma: 1584.

CECIL, William. *The execution of justice in England*. Londres: 1583. STC 4902.

CHARKE, William. *A treatise against the Defense of the censure*. Cambridge: 1586.

COOPER, William Durrant. "The Parish Registers of Harrow on the Hill,

with Special Reference to the Families of Bellamy and Page." *Transactions of the London and Middlesex Archaeological Society*. v. 1, 1860, p. 285–98.

COX, J. Charles. "Richard Topcliffe, the Pursuivant." 5^a série, v. 7, 28 de abril de 1877, p. 331–32.

CROSS, Claire. "Penry, John (1562/3–1593)." In *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford: 2004. doi: <https://doi.org/10.1093/ref:odnb/21894>.

DARRNTON, Robert. "What Is the History of Books?" *Daedalus*, v. 111, n. 3, 1982, p. 65–83.

DILLON, Anne. *The Construction of Martyrdom in the English Catholic Community, 1535–1603*. Farnham: Ashgate: 2002.

DODD, Charles. *Church History of England, from the Year 1500 to the Year 1688*. 3 vols. London, 1737–42.

DOLEMAN, R. [i.e., Robert Persons et al.] *A conference about the next succession to the crown of England*. Antuérpia: 1594.

DOMÍNGUEZ, Freddy Cristóbal. "We Must Fight with Paper and Pens": Spanish Elizabethan Polemics, 1585–1598." *Tese de Doutorado*, Princeton University, 2011.

DUFFY, Eamon. *Fires of Faith: Catholic England under Mary Tudor*. New Haven, CT: Yale University Press: 2009.

FOLEY, Henry. *Records of the English Province of the Society of Jesus: Historic Facts Illustrative of the Labours and Sufferings of Its Members in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*. 7 vols. em 8. Londres, 1877–83.

GIBBONS, John e FENN, John, eds. *Concertatio Ecclesiae Catholicae in Anglia*. Trier: 1588.

GIBBONS, Katy. *English Catholic Exiles in Late Sixteenth-Century Paris*. Woodbridge: Royal Historical Society; Rochester, NY: Boydell Press, 2011.

HARPSFIELD, Nicholas. *Cranmer's recantacyons*. Ed. James Gairdner. *Miscellanies of the Philobiblon Society*. v. 15 (1877–84), número 4.

HARPSFIELD, Nicholas. *A Treatise on the Pretended Divorce between Henry VIII and Catherine of Aragon*. Ed. Nicholas Pocock. Westminster: 1878.

HARPSFIELD, Nicholas. *The Life and Death of Sr Thomas Moore, Knight*. Ed. Elsie Vaughan Hitchcock and R. W. Chambers. Londres: Oxford University Press, for the Early English Text Society: 1932.

HAVENS, Earle. "Lay Catholic Book Ownership and International Catholicism in Elizabethan England." In: *Publishing Subversive Texts in Elizabethan England and the Polish-Lithuanian Commonwealth*, ed. Teresa Bela, Clarinda Calma, and Jolanta Rzegocka, 217–62. Leiden: Brill, 2016.

HAVENS, Earle e PATTON, Elizabeth. "Underground Networks, Prisons and the Circulation of Counter-Reformation Books in Elizabethan England." In: *Early Modern English Catholicism: Identity, Memory and Counter-Reformation*, ed. James E. Kelly and Susan Royal, 164–88. Leiden: Brill: 2017.

- HIGHLEY, Christopher. "‘A Pestilent and Seditious Book’: Nicholas Sander’s Schismatis Anglicani and Catholic Histories of the Reformation." *Huntington Library Quarterly*, v. 68, n. 1–2, 2005, p. 151–71.
- HITCHCOCK, Elsie Vaughan. "Description of the Harpsfield Manuscripts." In: *The Life and Death of Sr Thomas Moore, Knight*, ed. Elsie Vaughan Hitchcock and R. W. Chambers, xiii–xx. Londres: Oxford University Press para a Early English Text Society, 1932.
- HOULISTON, Victor. "The Missionary Position: Catholics Writing the History of the English Reformation." *English Studies in Africa*, v. 54, n. 2, 2011, p. 16–30.
- HUGHES, Paul L. e LARKIN, James F. (eds.). *Tudor Royal Proclamations*. 3 vols. New Haven, CT: Yale University Press, 1964–69.
- JARDINE, Lisa e GRAFTON, Anthony. "‘Studied for Action’: How Gabriel Harvey Read His Livy." *Past & Present*, v. 129, 1990, p. 30–78.
- JARDINE, Lisa; GRAFTON, Anthony e SHERMAN, William. "Pragmatic Readers: Knowledge Transactions and Scholarly Services in Late Elizabethan England." In: *Religion, Culture, and Society in Early Modern Britain: Essays in Honour of Patrick Collinson*, ed. Anthony Fletcher and Peter Roberts, 102–24. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- JESSOPP, Augustus. "Richard Topcliffe, the Pursuivant." *Notes and Queries*, 5^a série, v. 7, 7 de abril de 1877, p. 270–71.
- JESSOPP, Augustus. *One Generation of a Norfolk House: A Contribution to Elizabethan History*. Londres, Burns and Oates: 1879.
- KERMODE, Frank. *The Age of Shakespeare*. Nova Iorque, Modern Library: 2004.
- KILROY, Gerard. *Edmund Campion: A Scholarly Life*. Farnham, Ashgate: 2015.
- KING, John N. *English Reformation Literature: The Tudor Origins of the Protestant Tradition*. Princeton, NJ: Princeton University Press: 1982.
- KINGDON, Robert M., ed. *The Execution of Justice in England by William Cecil. A True, Sincere, and Modest Defense of English Catholics by William Allen*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1965.
- LEMON, Robert, ed. *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the Reigns of Edward VI, Mary and Elizabeth, 1547–80*. Londres: 1856.
- LEMON, Robert, ed. *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the Reign of Elizabeth, 1581–1590*. London: 1865. *The life and end of Thomas Awfeeld a seminary preest*. Londres: 1585. STC 997.
- MAROTTI, Arthur F. *Religious Ideology and Cultural Fantasy: Catholic and Anti-Catholic Discourses in Early Modern England*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2005.
- MARTIN, Gregory. *A treatise of schisme. Shewing, that al Catholikes ought in any wise to abstaine altogether from heretical conuenticles*. Douai: John

Flower [i.e., London: William Carter], 1578. Bodleian Library, University of Oxford. cota 8° C 95(3) Th.

MCCOOG, Thomas M; SJ. *The Society of Jesus in Ireland, Scotland, and England, 1589–1597: Building the Faith of Saint Peter upon the King of Spain's Monarchy*. Farnham, Ashgate: 2012.

MCCOOG, Thomas M; SJ. *The Society of Jesus in Ireland, Scotland, and England, 1598–1606: "Lest Our Lamp Be Entirely Extinguished."* Leiden: Brill, 2017.

MCGRATH, Patrick. "The Bloody Questions Reconsidered." *Recusant History*, v. 20, n. 3, 1991, p. 305–19.

MILWARD, Peter. *Religious Controversies of the Elizabethan Age: A Survey of Printed Sources*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1977.

MORRIS, J. Allen. *Richard Topcliffe: "A Most Humbell Pursuivant of her Majestie."* Charleston, SC: Citadel Monograph Series, 1964.

MORRIS, John. *The Troubles of Our Catholic Forefathers Related by Themselves*. 3 vols. Londres: Burnes and Oates, 1872–77.

NEALE, J. E. *Elizabeth I and Her Parliaments, 1584–1601*. Londres: Jonathan Cape, 1957.

PERSONS, Robert. *A brief discours contayning certayne reasons why Catholiques refuse to goe to Church*. East Ham: Greenstreet House Press: 1580.

PERSONS, Robert. *A defence of the censure gyven upon two bookes of William Charke and Meredith Hanmer*. Rouen: 1582.

PERSONS, Robert. *The warn-word to sir Francis Hastings Wast-word*. Antuérpia: 1602.

PETTI, Anthony G., ed. *The Letters and Despatches of Richard Verstegan (c.1550–1640)*. Londres: Catholic Record Society, 1959.

POLLEN, John Hungerford; SJ, ed. *Unpublished Documents Relating to the English Martyrs, Vol. 1: 1584–1603*. Londres: Catholic Record Society, 1908.

PRESTON, Jean F. e YEANDLE, Laetitia. *English Handwriting 1400–1650: An Introductory Manual*. Asheville, NC: Pegasus Press, 1999.

QUESTIER, Michael C. *Catholicism and Community in Early Modern England: Politics, Aristocratic Patronage and Religion, c.1550–1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

RICHARDSON, William. "Topcliffe, Richard (1531–1604)." In *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, 2004. doi: <https://doi.org/10.1093/ref:odnb/27550>.

ROWSE, A. L. "The Truth about Topcliffe." In: *Court and Country: Studies in Tudor Social History*, 181–210. Athens: University of Georgia Press, 1987.

SANDER, Nicholas. *De Origine ac Progressu Schismatis Anglicani*. Rheims: 1585.

SANDER, Nicholas. *L'istoria ecclesiastica della rivoluzion d'Inghilterra*.

- Ed. and trans. Girolamo Pollini. Roma, 1594. Universidade de Exeter, cota Row- se/POL.
- SHAGAN, Ethan. "English Catholic History in Context." In: Catholics and the "Protestant Nation": Religious Politics and Identity in Early Modern England, ed. Ethan Shagan, 1–21. Manchester: Manchester University Press, 2005.
- SHERMAN, William H. *Used Books: Marking Readers in Renaissance England*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2008.
- A Short-Title Catalogue of Books Printed in England, Scotland, and Ireland, and of English Books Printed Abroad, 1475–1640. Compilado por A. W. Pollard e G. R. Redgrave; 2ª ed., revisada e ampliada por W. A. Jackson, F. S. Ferguson, e Katharine F. Pantzer. 3 vols. Londres: Bibliographical Society, 1976–91. Citado como STC.
- SOUTHERN, A. C. *Elizabethan Recusant Prose, 1559–1582*. London: Sands & Co., 1950.
- STAPHYLUS, Fridericus. *The apologie of Fridericus Staphylus*. Trad. Thomas Stapleton. Antuérpia, 1565. Ushaw College, Durham, Cota XVIII.G.6.7. *Statutes of the Realm*. Printed by command of his majesty King George the Third. 11 vols. em 12. Londres, 1810–28; repr. Dawsons of Pall Mall, 1963.
- SUTCLIFFE, Matthew. *A ful and round answer to N. D. alias R. Parsons*. Londres: 1604.
- TERAMURA, Misha. "Richard Topcliffe's Informant: New Light on The Isle of Dogs." *Review of English Studies*, v. 68, n. 283, 2017, p. 44–59.
- UNDERWOOD, Lucy. "The Reading of Elizabeth I's Torturer-General." In: *Treasures of Ushaw College: Durham's Hidden Gem*, ed. James E. Kelly, 76–77. Londres: Scala Arts & Heritage Publishers Ltd., 2015.
- VEECH, Thomas McNevin. *Dr Nicholas Sanders and the English Reformation, 1530–1581*. Lovaina: Bureaux de Recueil, 1935.
- WALKER, Claire. "Wiseman [née Vaughan], Jane (d. 1610)." In: *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, 2004. doi: <https://doi.org/10.1093/ref:odnb/69040>.
- WALSHAM, Alexandra. *Church Papists: Catholicism, Conformity and Confessional Polemic in Early Modern England*. Londres: Royal Historical Society, 1993.
- WALSHAM, Alexandra. "Domme Preachers'? Post-Reformation English Catholicism and the Culture of Print." *Past & Present*. v. 168, 2000, p. 72–123.
- WALSHAM, Alexandra. "The Spider and the Bee: The Perils of Printing for Refutation in Tudor England." In: *Tudor Books and Readers: Materiality and the Construction of Meaning*, ed. John N. King, 163–90. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- WALSHAM, Alexandra e HAVENS, Earle. "Catholic Libraries." In: *Private*

Libraries in Renaissance England: A Collection and Catalogue of Tudor and Early Stuart Book-Lists. Volume VIII: PLRE 167–260, ed. Joseph L. Black, 129–56. Tempe: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2014.

WRIGHT, Jonathan. “Langdale, Alban (fl. 1532–1580).” In *Oxford Dictionary of National Biography*. Oxford, 2004. doi: <https://doi.org/10.1093/refodnb/16008>.

WRIGHT, Thomas. *A treatise, shewing the possibilitie, and conueniencie of the reall presence of our Sauour in the blessed Sacrament*. Antuérpia [i.e., Londres], 1596. Ushaw College, Durham, cota XVIII.F.8.14.

WYATT, Michael. *The Italian Encounter with Tudor England: A Cultural Politics of Translation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

YATES, Julian. “Parasitic Geographies: Manifesting Catholic Identity in Early Modern England.” In: *Catholicism and Anti-Catholicism in Early Modern English Texts*, ed. Arthur Marotti, 63–84. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 1999.

Recebido em 06 de fevereiro de 2023
Aprovado em 21 de fevereiro de 2023

MARK RANKIN